DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

N.º 27 / ABRIL A JUNHO 92 / ANO 8

EDITORIAL

"Com PIDES e LARAS se revelam as taras". (Novo rifão popular)

O conteúdo deste número de O REFERENCIAL reflecte bem o avolumar de contradições que perturbam a sociedade portuguesa e ensombram a transparência da democracia nascida em 25 de Abril de 1974.

Incidindo no trimestre em que deveria destacar-se as comemorações da "Revolução dos cravos", o destino (ou os homens e as instituições que o influenciam) caprichou em fazer convergir uma série de factores que alimentam o tão invocado "déficit democrático", cada vez mais evidente, mas aparentemente ainda insuficiente para abalar o conformismo, mesmo de algumas personalidades e sectores com créditos na luta pelo derrube da ditudura.

Chocou-nos particularmente a discriminação que envolveu o marechal Costa Gomes no acto público em que recebeu o símbolo do marechalato. Intencionalmente ou não, essa injustica atinge, no essencial, todos os militares do MFA que, sob a sua liderança, assumiram especiais responsabilidades no período revolucionário, enfrentando o clima de intensa agitação social e de aguda luta partidária pelo poder. Tarefa que, apesar de tudo, assumiram com sucesso, já que lograram evitar a guerra civil que chegou a parecer iminente, e assegurar o essencial do Programa do MFA, nomeadamente com a livre realização de todos os actos eleitorais para os orgãos de soberania e a aprovação da Constituição da República, que ficou a constituir o marco histórico do Portugal democrático nascido em Abril de 1974. A normalidade da transferência dos poderes para o regime constitucional não foi obra do acaso, mas sim produto do corajoso envolvimento de quem soube enfrentar as dificuldades, processo em que a serenidade e o bom senso do



10 D Ī G U 10 0

0

Ī

A

SUMÁRIO

Editorial	1	
Recordar a Nossa História	3	
Testemunhos	5	
Ler, Ver e Ouvir	7	
Opinião	8	
Documentos do Nosso Tempo	10	
Mosaico	14	
Sementes de Abril	18	
Vida Associativa	22	
Está Dito	25	
Da Direcção	26	
Das Delegações e Núcleos	27	
Desporto e Recreio	31	
FICHA TÉCNICA PROPRIEDADE: Associação 25 de Abril		1

Rua Luis de Camões, 47 2795 Linda-a-Velha

DIRECCÃO Brigadeiro Pedro Pezaras Correia

IMPRESSÃO: Tip.-Escola ADFA Rus Artilharia Lim Telef. 65 35 93 1000 LISBOA

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

TIPACEM-4000 exemplares

ENDERECOS

Associação 25 de Abri

Rua Luis de Camões, 47 • Tel. 4198105 • Fax 4198130

2795 Linda-a-Velha DELEGAÇÃO DO NORTE

Apartado 4678

DELEGAÇÃO DO CENTRO

4012 PORTO Apartado 3041

3000 COIMBRA NÚCLEO DO ALENTEJO

Rua Bernardo Santareno, nº 2 Bairro das Nogueiras

7000 ÉVORA NÚCLEO DO ALGARVE

Rua Francisco Gomes, 18 - 1.º

8000 FARO NÚCLEO DE CASTELO BRANCO

Bairro Buenos Aires, 47

6000 Castelo Branco

Depósito Legal N.º 32998/89

PUBLICIDADE EM "O REFERENCIAL"

O REFERENCIAL é uma publicação trimestral que sai nos meses de Março, Junho, Setembro e Dezembro.

É editado pela Associação 25 de Abril desde há 7 anos e que iniciou agora uma nova fase da sua vida.

Também a partir de agora passa a inserir publicidade nas suas páginas, cujas características técnicas e tabelas de precos são as que acompanham esta informação.

O REFERENCIAL possui uma tiragem na ordem dos 5000 exemplares, 3500 dos quais são enviados gratuítamente aos seus sócios e os restantes espalhados por instituições militares e CIVIS.

As categorias profissionais dos sócios da A25A constituem uma massa qualificada de pessoas, participantes activos na sociedade portuguesa, integrando militares dos 3 ramos das forças armadas, com predominância de oficiais; civis, majoritáriamente, nas profissões liberais, e Associações Culturais e Profissionals.

CARACTERÍSTICAS TÉCNICAS

- Formato do Boletim: 21 x 29,7 cm
- Mancha útil: 18,8 x 26,4 cm
- Nº de colunas: 3
- Largura das colunas: 5,4 cm
- Papel da capa: couché 140 ar
- Papel do miolo: offset IOR 80ar - Impressão a cores na capa, contracapa e
- versos correspondentes. (as selecções de cores são fornecidas pelos
- clientes ao tamanho do espaço pretendido
- e, se possível, acompanhadas de provas) - Impressão do miolo a p. e b.

TABELA DE PRECOS

Versos da capa e contracapa 1 página p.eb. cor 120 000.00 100 000.00 1/2 página p.eb. COL 60,000.00 80 000.00 Miolo



p.eb. 1 página

1/2 página 80 000.00 50 000.00



1/4 Página Roda-Pé

(alt. 5 cm)

30 000.00 25 000.00 (acrescentado do valor do IVA)

Encartes a combinar 15% de desconto para agências de publicidade.

A25A Rua Luís de Camões, 47 2795 Linda-a-Velha

SALGUEIRO MAIA O CIDADÃO, O MILITAR, O CAPITÃO DE ABRIL, O HOMEM DE CULTURA

Recolhido, coordenado e escrito por Carlos de Matos Gomes

Nunca choraremos bastante quando vemos Que quem ousa lutar é destruído Por troças por insidias por venenos E por outras maneiras que sabemos Tão sábias e tão peritas

Que nem podem sequer ser bem descritas

Sopbia de Mello Brevner Andersen Grades 1970

Os poetas têm destas coisas mágicas de sentir o futuro, de rever a história de uma vida em meia dúzia de palavras. De resumirem o que sempre deve ser dito, Nestes versos está o Fernando Salgueiro Maia, mas também os que com ele se bateram pela liberdade, por ela sofieram e se mantêm num anonimato tão injusto quanto digno.

A vida de Salgueiro Maia e a sua morte são emblemáticas dessa geração ilustre e hoje em dia vilipendiada que permitiu realizar os anseios de um povo, tão certeiramente expressos por Jorge de Sena também ele um proscrito: Não hei-de morrer sem saber qual é a cor da liberdade.

Mas embora escondam tudo e me queiram cego e mudo não hei-de morrer sem saber qual é a cor da Liberdade

Por isso, se com o seu desaparecimento morreu um pouco de todos os que ousaram restabelecê-la, também tanto nos é exigido para nos mantermos fiéis à responsabilidade do seu testamento. Daí a importância de conhecer quem era o Femando Salgueiro Maia: ficaremos, os que estivermos a seu lado, mais perto dele e ficarão, os que o tentaram destruir por maneiras que nem podem ser bem descritas, talvez, com uma sombra na consciência.

O Adolescente

O Fernando Salgueiro Maia nasceu em Castelo de Vide, a 1 de Julho de 1944, era filho de Francisco da Luz Maia e de D. Francisca Silvério Salgueiro, Ficou orfão de mãe muito novo e viveu os primeiros tempos na terra de nascimento, frequentou a escola primária em S. Torcato, Coruche . As contingências da profissão do pai ferroviário - levaram-no a peregrinar na sua adolescência um puco por todo o país. Fez os estudos secundários nos Colégios de Nun'Alvares de Tomar e no Liceu Nacional de Leiria. Viveu em Pombal, em Valença, em Santarém, sem tempo para criar raízes, sempre de partida, mas sempre com um apego umbilical ao seu Alentejo, sempre com um apurado instinto de classe.

Dos seus tempos de estudante em Tomar, lembro-me da sua figura meã a carregar uma enorme pasta de cabedal, com passos decididos entre a estação dos caminhos de ferro e o colégio. Recordo os seus olhos escuros e vivos, onde era perceptível uma funda tristeza que ele disfarçava com exuberância . Julgo que disfarçava uma real timidez.

O jornalista Adelino Gomes e a sua mulher, Manuela Gomes, guardam dele uma memória que recua a Pombal onde viviam e a Leiria, onde estudavam: «o Salgueiro Maia coincide com o Maia do último ano do liceu, nas aulas de Organização Política e Administrativa da Nação e de Filosofia: mais que alegre, um espalha brasas cujo vozeirão se ouvia ao longe, a discutir às segundas-feiras os jogos da véspera; o cabelo cortado à escovinha e passo ginasticado a imprimir-lhe, devido à altura, o aspecto físico de quem vive com os pés bem assentes na terra. No livro de curso, os versos "de pé quebrado" dos colegas previam-lhe um futuro de marechal!»

Concluido o 7.º ano dos liceus, alinea f), em 1964, ingressou a 6 de Outubro na Academia Militar. São os tempos da descoberta da grande cidade, da disciplina, da camaradagem, dos idealismos que ainda se confundiam com ideias. A guerra começara em 1961 e em 64 já se estendera, sem 1961 e em 64 já se estendera, sem sinais de abrandar, aos três teatros de operacões de Angola, Guiné e Moçambique. Todos os cadetes que escolhessem o curso de uma Arma combatente estariam dentro de poucos anos a comandar unidades em combate. Salgueiro Maia, escolhe a Cavalaria e sabe qual será o seu destino. Será o número dois de um curso de seis.

Em finais de 1966 apresenta-se na Escola Prática de Cavalaria para frequentar o tirocínio. O actual coronel Correia Bemardo era aí tenente, foi seu instrutor e lembra-se dele neste último período da sua formación militar: « da sua generosidade na instrução, da sua frontalidade quando as coisas não eram como as estavam a pintar, de piada sempre pronta e oportuna ».

A 1.º Experiência de África

Findo o tirocínio marchou para um «estágios em Africa. Al chegado e tendo o privilégio, devido à sua antiguidade, de poder escolher a unidade de colocação, ofereceuse como voluntário para o efectuar nas tropas especiais: a 9.º companhia de comandos "Os Fantasmas" estacionada em Montepuez, no norte de Moçambique e que actuava na zona de Mueda Cabo Delgado.

O capitão comandante da companhia e o adjunto são feridos e o alferes Salgueiro Maia vê-se investido nas funções de comandante. O coronel de Infantaria Comando José Humberto Baptista da Silva, na época tenente, conheceu-o nesta altura:«sendo a 9. companhia de comandos uma subunidade de tropas especiais que à data da colocação do alferes Salgueiro Maia já havia executado dezenas de accões de combate, ele teve uma adaptação tão rápida e natural que a breve prazo foi elaborada uma proposta para comandar um gnupo de combate, dadas as suas extraordinárias qualidades militares. Comprovou plenamente a confianca nele depositada. Julgo que a situação de um oficial a quem não tinha sido averbado o curso de comandos comandar um destes grupos é única em toda a história destas tropas. Ele era um líder nato, era agradável tê-lo como amigo e, sendo muito jovem, revelava uma sensatez invulgar, a par de uma apreciável cultura geral. Sempre bem disposto, quer nas horas boas, quer nas más, era um amigo certo que conquistou a amizade de militares e civis. Muitas facetas dele ficarão certamente esquecidas, mas na memória de quem com ele contactou perdurará a lembrança da sua extraordinária alegria de viver. Nas saídas para as operações lá estava ele, baixo mas muito resistente, com três ou quatro !!! cantis de água, causando inveja aos mais fracos, a propôr trocas de latas de conserva das rações de combate.



Contudo o Maia não era só jovialidadepensava e reflectia com a consciência de um homem bem formado. Certo dia, em 1968, numa conversa de mal-dizer contra o governo e da necessidade de levar a efeito uma revolução na Metroploe, el ed esabator umás ou menos por estas palavras: «eu a comandar um esquadrão de carros de combate pela Avenida da Liberdade abaixo... havia de ser bonito.» Quando coorreu o 25 de Abril recordei-me desta conversa, algures no norte de Moçambique. - Foi bonito... e como ele previ-

No final desta comissão foi louvado pelo general comandante da Região Militar de Moçambique pelos «seus dotes de carácter, finamismo e excepcional entusiasmo no comando de um grupo de combate.»

No regresso foi colocado na EPC, onde desempenhou as funções de instrutor de cursos de oficiais milicianos e, ainda como tenente, as de comandante de esquadrão. Correia Bernardo, já capitão e mutilado de guerra na Guiné, vai socorrer-se dele para variadissimas instruções, aproveitando a sua competência, a sua generosidade, a sua experiência. «só nas minas e armadilhas é que tinha de o travar. O seu objectivo era sempre o de dar cabo de qualquer coisa. Gostava de incomodar.» Compra um «dois cavalos» e artilha-o com um par de chifres e uma buzina rouca que imita o mugir de uma vaca, no qual mete a miudagem que se junta para observar aquele estranho veiculo. Os miúdos adoram-no e ele adora-os.

Casa nessa altura e os amigos nem queriam acreditar. Mas ele e a Natircia vão constituri um çasal feliz. Ela é a sua antitese, serena, introspectiva, quase desprechdia, completa-o, apoia-o e dá-lhe a estabilidade de uma familia como ele sempre desejara. A sua casa passa ser um local de reuniões de convivio sem que segia necessário inventar pretextos. No final, noite dentro, cantam-se músicas do Zeca Afonso e de Adriano Correia de Oliveira: «Eles comem tudo, eles comem tudo e não deixem nuelos.

È promovido a capitão em Dezembro de 1970 e logo mobilizado para a Guiné, como comandante da companhia de Cavaliaria 3240 do RCA. Embarca para Bissau a 4 de Julho de 1971. No louvor do comandante do EPC como reconhecimento dos serviços por ele prestados salientam-se « as excepcionais qualidades de dinamismo, desembarcao, espírito de sacríficio e de bem servir. Oficial inteligente, apurmado, conduitor de homesos » tem esculos distributos conduitor de homesos » tem esculos distributos conduitor de homesos » tem esculos distributos de conduitor de homesos » tem esculos distributos de conduitor de homesos » tem esculos distributos de conduitor de homesos » tem esculos de co

GUINÉ - A Experiência Total

Na Guiné vai ser sujeito a uma durissima experiência. Será aqui que se confrontará com uma realidade que não admite complaçências, da qual não se poderá dizer que não se viu, não se sabe . A sua companhia, como se o seu destino fosse peregrinar e assumir responsabilidades, é uma unidade independente, isto é, não está integrada em nenhum batalhão que a enquadre e o jovem capitão Salgueiro Maia, como tantos outros da sua geração será, para o melhor e para o pior, o senhor quase absoluto de cento e cinquenta homens e respectivo material, sendo-lhe atribuídas missõe sem qualquer área ou zona onde a situação se revele mais critica. Em resumo: pau para toda a obra. Cabe-Ihe, entre outras tarefas, garantir a seguranca dos trabalhos de construção de várias estradas, missão entre todas ingrata, sacrificada, indesejada e perigosa porque os guerrilheiros conhecendo com antecedência o local onde se encontravam as tropas, as horas de passagem e a impossibilidade de se dispersarem. Ihes montavam com facilidade e frequência emboscadas e minas. A meio da comissão é colocado na zona de Bula - curiosamente o nome da Chaimite em que ele retirou Marcelo Caetano do Carmo no enquadramento de Pete, onde constrói um espantoso sistema de defesa com engenhos improvisados, em que tubos de canalização servem para disparar «rokettes» e bidons de combustível se transformam em catapultas! Mas ainda tem tempo para, nos intervalos das operações, conhecer as populações da área e organizar sessões de convívio para militares. Numa delas,num Dia da Cavalaria, esteve prestes a ser punido por, com a sua irreverência, ter dirigido um coro com músicas do Zeca Afonso sempre ele e letras de contestação aos chefes militares e políticos e à forma como conduziam a guerra. Será o bom senso e o respeito do então general Spinola por aqueles que combatiam nos o pior, o senhor quase absoluto de cento e cinquenta homens e respectivo material, sendo-lhe atribuídas missõe sem qualquer área ou zona onde a situação se revele mais crítica. Em resumo: pau para toda a obra. Cabe-Ihe, entre outras tarefas, garantir a segurança dos trabalhos de construção de várias estradas, missão entre todas ingrata, sacrificada, indesejada e perigosa porque os guerrilheiros conhecendo com antecedência o local onde se encontravam as tropas. as horas de passagem e a impossibilidade de se dispersarem. Thes montavam com facilidade e frequência emboscadas e minas. A meio da comissão é colocado na zona de Bula - curiosamente o nome da Chaimite em que ele retirou Marcelo Caetano do Carmo no enquadramento de Pete, onde constrói um espantoso sistema de defesa com engenhos improvisaequipamentos e se preparava para o embarque de regresos, anda recebe uma missão extra: a escolta a uma columa de reabastecimento de artigos criticos por um tinerário de elevado risco, com passagem pela zona critica do qualidades levaria a bom termo uma missão nestas condições. Salgueiro Maia consegue-o. Recequipa o pessoal, fiala-lika-a o corração e decide aproveitar a supresa e a rapidez. Vai e vem no mesmo dia, sem dar tempo aos guerri-ovam no mesmo dia sem da de de descripción de descripc

lheiros para o atacarem. Da permanência na Guiné verá registado um louvor do comandante do Batalhão de Caçadores 2928 «pela forma eficiente e criteriosa como exerceu a sua actividade, demonstrando possuir notáveis qualidades de comando, invulgar espírito de iniciativa e de decisão. Oficial integro, leal, franco e trabalhador cumpriu com acerto todas as missões que Ihe foram cometidas, algumas em áreas críticas. Consciente das responsabilidades, dotado de elevado dinamismo, grangeou em todos os seus camaradas, aos quais incutia sempre boa disposição e alegria, consideração e respeito» e o general comandante-chefe louvá-lo-à «pela forma dinâmica, entusiástica, dedicada e eficiente como comandou a CCav 3420. Dotado de apreciável capacidade realizadora, elevado espírito de missão e exacta nocão do dever. constituiu um exemplo de condutor de homens em campanha. Referência especial merece. ainda, o esforco dispendido em manter estreito contacto com as populações da sua área, a quem deixou beneficios de vulto.»

A acção de Salgueiro Maia na Guiné foi justamente considerada de muito mérito pelos chefes militares, pois ele comprovou as suas



dos, em que tubos de canalização servem para disparar «rokettes» e bidons de combustivel se transformam em catapultas! Mas ainda tem tempo para, nos intervalos das operações, conhecer as populações da área e organizar sessões de convivio para militares. Numa delas.num Dia da Cavalaria, esteve prestes a ser punido por, com a sua irreverência, ter dirigido um coro com músicas do Zeca Afonso sempre ele e letras de contestação aos chefes militares e políticos e à forma como conduziam a guerra. Será o bom senso e o respeito do então general Spinola por aqueles que combatiam nos postos mais difíceis a evitar o castigo. Ambos recordarão o episódio com humor na visita que o velho marechal Ihe fez ao quarto do Hospital Militar, na véspera da primeira intervenção cirúrgica ao mal que o vitimaria.

No fim desta comissão, quando a sua sacrificada companhia já entregara as armas e os excepcionais qualidades de comando e chefia nas mais duras condições, tendo inclusivamente sido ferido em combate um caso raramente referido -, mas a permanência naquela antiga colónia será também e principalmente o tempo e o local do amadurecimento político, onde a realidade colonial e a impossibilidade de sair dela pela via militar se radicam no seu espírito. É o tempo em que Salgueiro Maia colecciona e divulga pelos camaradas as frases caricatas dos discursos de Américo Tomás transcritas na Seara Nova. É o tempo da observação antropológica do mosaico cultural constituído pelo conjunto de povos sub-saarianos a que irá dar seguimento cientificamente apoiado com as licenciaturas em Antropologia, Sociologia e Etnologia, na fase posterior ao 25 de Abril, quando foi colocado na Direcção da Arma de Cavalaria e que originarão trabalhos sobre o islamismo e sobre a Fortaleza de S. José ou da Amura, em Bissau,

Não admira assim que ele seja um dos subscritores do documento enviado da Guiné pelos oficiais alt em serviço, contestando a realização do Congresso dos Combatentes por aqueles que se aproveitavam da guerra para se promover. Não admira que esteja nas primeiras reuniões clandestinas realizadas em Bissau no âmbito do processo de oposição aos decretos de Sã Viana e que estão na génese do Movimento dos Capitâes e, posteriormente, do MFA.

O 25 de Abril

No regresso da Guiné, em Outubro de 1973, foi de novo colocado na EPC e logo se integra de forma entusiástica na estrutura do MFA, passando a pertencer à sua comissão coordenadora como um dos três delegados da Cavalaria.

Na EPC havia sido decidido que os contactos a estabelecer em nome daquela unidade seriam feitos pelos quatro capitles mais antigos. Assim, à reunião de Évora, vai Costa Ferreira, entretanto promovido a major, a Cascais, Garcia Correia, a Lisboa (M.M.), Correia Bernardo e a Obidos, o Maia. O actual coronel Rui Costa Ferreira, que era o mais antigo dos aderentes ao MFA na EPC, descreve-o no regresso da Guiné, como «mentalizado, consciente da necessidade de mudança no regime, «crítico da situacão militar e disponi-vel para encabeçar a mudança, determinado a comandar a tropa que a protagonizasse - eu é une vou - disse no várias vezes.»

No período entre 16 de Março, e o 25 de Abril os oficiais da EPC organizam-se internamente e entre eles distribuem missões: ao capitão Garcia Correia o organização da defesa da cidade, na perspectiva de que, saindo forças de Santarém para derubar o regime, este retaliaria sobre a base de onde elas haviam partido, ao capitão Correia Bernardo a organização interna dos meios e os contactos com os outros oficiais e ao Capitão Sofiçaire Maia a ligação ás unidades de Lisboa e, como comadante de um esquadrão de CC, a preparação das viaturas, tripulações e restante material

Foi com esta organização que a EPC planeou e preparou o 25 de Abril, até à reunião em que se definiu «quem ia onde» e em que, pela primeira vez, se deu nome às coisas. Isto é, quando se esbocou a ordem de operações, se articularam os meios e se atribuiram funções de comando. A coluna da EPC seria constituída por duas subunidades, uma de reconhecimento e outra de atiradores, sob o comando de Salgueiro Maia que encarnava o espírito da Escola, a forte união que se estabelecera entre os que haviam combatido na guerra em África e as gerações mais jovens que neles confiavam. Em Santarém ficava uma rectaguarda que resistiria, pois existia uma simbiose de confiança mútua, de camaradagem e de sentimento da inevitabilidade da acção, que tornava os que saíam e os que ficavam, partes de um mesmo todo. Não é para uma aventura que Salgueiro Maia e a Escola partem, mas para um acto pensado, solidáriamente assumido.

Quando é recebida a mensagem a confirmar a data da operação, Salgueiro Maia inicia de imediato os preparativos com a mesma determinação e energia com que se preparara para sair à frente de um grupo de comandos em Moçambique ou com a sua companhia na Guiné, mas era, no dizer de Costa Ferreira «impressionante ver a completa confiança dele em todos os camaradas que se encontravam na direccão do MFA, a confiança de que tudo iria para a frente, que todas as unidades envolvidas sairiam como previsto. Assim mobilizou e montou toda a guerra.»

A máquina que iria pôr fim a um regime de 48 anos e a treze de guerra estava em movimento. Maia, conhecem-se desde os bancos da Academia, quase não precisam de falar para se entenderem e faz-lhe sinal que está pronto. Motores em marcha Os oficiais Escola haviam estabelecido um pacto entre si: se as coisas corressem mal o resto das forças que ficavam como reserva iriam buscar os que partiam onde quer que eles se encontrassem, no caso de vitória não haveria prémios para ninguém. Estavam todos metidos no mesmo barco, à face da lei todos encontravam-se já em insubordinação, o comandante retido no seu gabinete, o 2.º foi colocado à margem, o major Rui Costa Ferreira era o comandante dos insurrectos. O capitão Garcia Correia segue num carro civil à frente, a reconhecer o itine-



Salgueiro Maia no morrento decisivo do 25 de Abril: a rendição das forças blindadas do R.C. 7

Aproximava-se a hora de J. de Sena ver a cor da Liberdade e do regresso definitivo do Pedro Soldado, de quem Manuel Alegre se despedira:

lá lá vai Pedro Soldado Num barco da nossa Armada e leva o nome bordado num saco cheio de nada. Triste vai Pedro Soldado.

Na escuridão da noite, nas Paradas Chaimite e Mongua, nas arrecadações de material, nos parques e nos hangares dos carros, nas casernas da Escola de Cavalaria, municiam-se armas, sintonizam-se rádios, dão-se instruções em voz baixa, explica-se aos militares o objectivo de toda aquela azáfama e pergunta-se se alguém não quer ir. 0 2.º comandante ouve. em casa do capitão Garcia Correia, uma explicação do que poderia vir a passar-se e do papel que a unidade poderia vir a representar. Como não dá uma resposta clara e positiva fica sem saber que tudo está já em movimento. O tenente Assunção, que iria acompanhar o capitão Salgueiro Maia como seu adjunto e tem lugar marcado no seu jipe, não acorda com o despertador e chega atrasado, quando a coluna já se preparava para sair. O jovem aspirante Rodrigues engana-se no calibre das munições da metralhadora e é o experiente capitão que repara o erro». O capitão Tavares de Almeida coloca o capacete de ferro sobre o quico verde - é do mesmo curso de Salgueiro rário. Natércia Maia ignora para onde o marido foi, acontece o mesmo com as mulheres dos outros militares. Afinal quase todos tinham feito a guerra e sabiam disfarcar o nervoso destes momentos em que se arrisca tudo, a que se juntava o cuidado de evitar represálias da PIDE sobre as famílias. Vivia-se um momento único, para que estavam preparados, mas contudo muito diferente dos que haviam vivido nas matas e bolanhas de Angola, de Moçambique, da Guiné, diferente do que tinham feito os heróis africanos que foram o seu exemplo durante anos - não existia uma base para onde regressar, nem a reconfortante e desculpabilizante legitimidade das «ordens superiores», contavam apenas com a palavra uns dos outros, com a solidariedade e a camaradagem criada nos quartéis, em África. Qual será o estado de espírito de um homem sentado num iipe a caminho de Lisboa para derrubar um regime? O então tenente Assunção responde com simplicidade: « Calmo, Quase não falámos durante a viagem. Os rádios ligados, mas silenciosos, eram o bom augúrio de tudo estar a correr bem. Passámos por Sacavém e julgámos ver forças da GNR, que não interferem e chegámos sem problemas ao Campo Grande. É de madrugada e avistamos a Polícia de Choque. O comandante aproxima-se, fala com Salgueiro Maia e este diz para o condutor: «andex» e continuamos em direcção ao Terreiro do Paço. Aqui, nos momentos de tensão, quando temos de defrontar as forcas de Cavalaria 7, com uma fragata em atitude dúbia

no Tejo, Salgueiro Maia é a referência para todos os homens - ele era o homen da decisão, inspirava confiança e depois havia também o prestígio da própria Escola de Cavalaria. Os oficiais e os sargentos que tripulavam os carros do 7 conheciam-nos, tinham sido nossos instruendos, sabiam que estávamos ali por razões fortes e certas, por isso o aspirante Sottomayor retira o pectudo ra peça, tornando inútil a ordem de disparar sobre nós.»

É com estes argumentos e uma granada de mão no bolso para uma derradeira eventualidade, que Salgueiro Maia neutraliza os seus oponentes e resolve o impasse do Terreiro do Paco. Apesar da falta de informações acata de imediato a ordem de Otelo para seguir para o Largo do Carmo e aí, numa situação que se vai rápidamente complicando com a chegada de uma multidão desejosa de ver ruir o regime, dispondo de forças mal preparadas e mal equipadas para atacar um quartel defendido por militares profissionais que, por muito pouca vontade que tivessem para morrer por uma causa perdida poderiam sempre, num acto de desespero, vender cara a pele ou serem a isso coagidos por ali se encontrarem algumas das mais importantes figuras do governo. incluindo o Presidente do Conselho de Ministros. Apesar das notícias, por vezes contraditórias, Salgueiro Maia consegue, de forma brilhante provocar a decisão dos acontecimentos. Com coragem, com serenidade, com firmeza, medindo as consequências de cada passo, obtém a capitulação, «Transmitia a sensação de dominar por completo o que se estava a passar. Sem arrogância, concentrado no que era essencial, atento, é assim que recebe junto ao blindado de onde dirigia as operações um oficial superior que Ihe comunica a ordem do Posto de Comando do MFA de passar a ser ele a comandar. Aceita disciplinadamente esse facto, mas perante as hesitações que vê nesse oficial rápidamente lhe diz: «afinal o senhor vem para comandar ou para perguntar?» o assunto fica encerrado. «Era tão rápido a decidir como a assumir responsabilidades.»

Durante as horas que dura o cerco, o jovem capitão Salgueiro Maia, na altura com menos de trinta angs, demonstra uma maturidade excepcional, controla a multidão, mantém a ligação ao Posto de Comando, apresenta as condições de rendição ao Professor Marcelo Caetano, estabelece conversações com os militares da GNR, neutraliza uma posição de morteiros que estes tinham montado junto à Estação do Rossio apontada ao Largo do Carmo, exibe uma força superior à real e, obtida a capitulação, demonstra a maior nobreza de atitudes e o maior respeito pelos vencidos ao proteger a vida e a integridade dos elementos depostos, retirando-os a salvo na Chaimite Bula que, anos mais tarde, recuperará para o museu de Cavalaria.

Alcançados os objectivos, Salgueiro Maia regressa com os seus homens a Santarém, cuja população os vem receber em peso à rua e, com humildade, escusa-se às homenagens que lhe quiseram prestar.

Do 25 de Abril ao 25 de Novembro

No periodo que se segue imediatamente ao 25 de Abril, Salgueiro Maia e os seus camaradas regressam ás suas actividades do dia a dia na EPC. Ele, como quase todos os militares do MFA, entendam que haviam feito o que flese competia e, sabe-se hoje, ingénuamente pensaram que o mais difficil estava feito. Haviam derrubado um regime e aberto com o seu programa a porta a todas as possibilidades, fora nomeada uma Junta de Salvação Nacional, um Presidente da República, um governo civil, podiam retirar-se de cena com a consciência tranquila. Esqueceram-se de ouvir o poeta:

Do que a vida é capaz! A força de um alento verdadeiro! O que um dedal de seiva faz A rasgar o seu negro cativeiro! Misuel Torsa - Diário II

No período conturbado que se vai seguir ao 25 de Abril mantem-se atento à evolução política militar; activo, participante e com bom senso consegue de forma deliberada e persistente manter a sua independência. Recusa alinhamentos partidários, rege-se pelos seus valores éticos, traça o seu rumo, ouve a mulher com uma mal disfarcada atenção para confrontar com ela as suas ideias e depois decidir por si próprio. Vem com frequência a Lisboa e mantém contactos com todas as facções em que, entretanto, o MFA se ia estilhacando. O facto de estar em Santarém ajuda-o a manter as distâncias relativamente aos acontecimentos. A sua alegria de viver leva-o a preservar as amizades, mesmo quando os amigos seguem por caminhos diferentes dos seus.

Foi contactado para a aventura do 11 de Março e nesse dia diz ao comandante da Escola que vai com o seu esquadrão para o campo da Atalaia em instrução. No regresso o 2.º comandante pede-lhe que o acompanhe a Tancos, para ajudar a resolver a embrulhada do rescaldo da saída dos páraquedistas e dos grupos de militares e civis que os apoiaram. Mais tarde reconhecerá que podiam estar a aproveitar-se do seu prestigio da sua figura, irá ser acusado de alguma conivência e, porque entendia ter dado suficientes provas da sua lealdade aos princípios do MFA, nunca se dará ao trabalho de explicar a atitude; de facto mantivera a sua unidade disponível e às ordens do Presidente da República e, quando a situação já estava esclarecida, correu o risco individual de ajudar os vencidos, tal como fizera no Carmo, tal como faria no 25 de Novembro, sempre igual a si próprio.

Rejeitará as tentativas de aproximação do PC, do mesmo modo que se oporá ao aventureirismo e ao suspeito naticalismo do MRPP e ao restauracionismo do MDLP. Vai pagar muito caro esta feroz independência! Recusa integrar o Conselho da Revolução por duas vezes, na sua formação e na sua última remodelação porque, no seu dizer, tinha mais jeito para a açção militar que para a política, ainda que reconhecesse a necessidade de alguns dos militares terem de exercer essa actividade.

No chamado Verão Quente estabelece relações privilegiadas com o Grupo dos Nove, mas continuará a conviver com Otelo, Dinis de Almeida. Mário Tomé, servindo de «ponte» de diálogo. Impede saneamentos de camaradas considerados «pouco revolucionários», mantém-se fiel aos poderes legitimos e, no 25 de Novembro só sai da Escola comandando um esquadrão de carros às ordens do Presidente da República. Será sempre um dos melhores intérpretes do MFA autónomo e anti- golpista. Marcha pela 2.' vez para Lisboa à frente dos seus homens, agora contra alguns dos camaradas que com ele haviam feito o 25 de Abril. Foi dos dias mais tristes e angustiados da sua vida, confessará. Mas é ainda o militar corajoso, leal, generoso e decidido que, consciente dos perigos de uma guerra civil, evita confrontos sangrentos na zona oriental de Lisboa, no RALIS e no DGMG, em Beirolas

No entanto, apesar da sua excepcional capacidade de comando, só consegue manter-se à frente de uma unidade operacional até 15 de Novembro de 1976. Será o seu último posto de comando de unidades operacionals. Apesar do apoio de Vasco Lourenço, na altura graduado em general e comandante da Região Militar de Lisboa, nunca será louvado neste período que abrango o 25 de Abril e vai até quase um ano depois do 25 de Novembro. Continuava demasiado incémodo, demasiado frontal, demasiado independente e crítico para os tempos de «normalização» que se avizinhavam.

« Mas também quem comandou as tropas como ele fez no 25 de Abril, jamais poderia voltar a ser um vulgar capitão da EPC (ou de qualquer outra unidade militar). Ele fora rei por um dia, atingira o cume da glória, teve a seus pés um governo, o destino de uma nação, milhares de pessoas olharam-no como um deus. Era exigir demasiado a uma instituição tão formalmente conservadora como a militar e dele próprio, que ambos fizessem de conta que nada havia acontecido, que ele regressasse à Casa da Cavalaria como se viesse de exercícios no campo dirá um camarada seu da Escola. É evidente que este regresso teve um preço. Ele jamais deixou de ser o n.º 1 da EPC para a opinião pública e para a generalidade dos militares. Ele sabia que assim era e gostava disso, mas pagou muito caro esse estatuto.»

A peregrinação: Açores-Lisboa-Presídio Militar-Santa Margarida

A pretexto do cumprimento de escalas de nomeação e transferência é colocado nos Acores, como adjunto de uma repartição do Quartel-General. Encontra ai o tenente-coronel Costa Ferreira - o oficial que assumira o comando da EPC imediatamente a seguir ao 25 de Abril - e mais uns sete ou oito oficiais do MFA. É recebido como um inimigo. com direito a editoriais caluniosos e vergonhosos nos jornais que veiculavam posições da FLA. Ameacaram-no de morte e de outras malfeitorias menores, mas aos arruaceiros faltavam a coragem e a dignidade que lhe sobravam a ele. Salgueiro Maia anda com um inacreditável à-vontade por Ponta Delgada, frequenta os locais onde se costumam reunir os arruaceiros dessa mais que suspeita organização e responde ao desafio que lhe fazem aparecendo sózinho no café para onde eles, na sua bravata. Ihe marcam um encontro de ajuste de contas. À sua entrada faz-se um silêncio de cobardia. Aos poucos os fracos beróis da libertação micaelense vão saindo, deixando-o só, sentado a uma mesa a conversar com o empregado. Era uma situação que dava imenso prazer a Salgueiro Maia, à sua costela de provocador! Como diz o Capitão-Tenente Mendes de Morais, que com ele conviveu estreitamente nos Acores "Ironias que o faziam rir como um verdadeiro alentejano"

Mais uma vez incómodo, vertical, patriota,

Cumprida a penitência de «carcereiro», as escalas de colocação e algumas pressões subterrâneas enviam-no para Santa Margarida, para o Regimento onde organizara e instruira a companhia que comandara na Guiné, aquela a que dera o significativo nome de guerra de «Os Progressistas». No RCSM é nomeado comandante do grupo de instrução, porque entretanto ocorrera a sua promoção a major. Fora capitão durante onze anos, estivera à frente das tropas que derrubaram o regime há sete, a junta Hospitalar declarara-o apto para o

fases da construção, desde o primeiro esquisso, orientando operários, imaginando a utilidade de cada espaço, incluindo o espaço para os filhos, um pequeno jardim. Pelas paredes, pelas salas cria um pequeno mas inestimável museu de peças reunidas com amor e esforço: armas antigas, objectos com história, cada um com a sua história, muitos livros e documentos: cenas picaras vividas na guerra, relatórios, recortes de iornais, artesanato africano, recordações de viagens. Nenhuma delas a titulo oficial, porque não integrava as comitivas oficiais e nunca foi ao estrangeiro em missão de Estado, como se os sucessivos poderes tivessem vergonha dele, embora o contrário também fosse verdadeiro. Viaia sim pela Europa, fazendo campismo com casais amigos, por estradas secundárias, em busca da autenticidade dos povos das pequenas vilas, dos monumentos fora dos roteiros turísticos. Viagens minuciosamente preparadas, com o rigor de um plano de operações.

Mas a casa de Salgueiro Maia è uma casa de pessoas, de amigos, no entanto falta-lhe aquilo de que tanto gostava: crianças. A vida nunca Ihe deu nada sem esforco, nunca lhe deu nada porque não tivesse de lutar e até a natureza foi madrasta não lhe proporcionando a alegria dos filhos de sangue. Contudo ele e a Natércia vão ultrapassar mais este obstáculo. Almas grandes, adoptam uma crianca, a Catarina e a vida transforma-se, existe agora uma pequena rainha, que eles tornam feliz, mas que não querem egoista e a quem querem poupar a solidão de filha única que ele tão bem conheceu. Reiniciam novo processo de adopção, um processo complicado, com muitas dificuldades, até lhes ser confiado o Filipe, em 1988.

Este era o mundo de Salgueiro Maia, o seu mundo, por oposição ao que o injustiçava e aos seus camaradas, a ponto de ter pensado em ir para o estrangeiro. Apesar disso era impossivel ignorá-lo por completo. Inevitávelmente foi agraciado com a Ordem da Liberdade. E era com a larga e amarelo berrante faixa da comenda a tiracolo sobre o uniforme cinzento. que ele se apresentava nas cerimónias em que o uso das condecorações era obrigatório. Usava-a como Garibaldi, usava o lenço vemelho ao pescoço, como um herói esquecido exibe uma cicatriz, com orgulho, mas sem vai-

Quando é convidado para vogal das Ordens Honorificas e o convocam para a primeira reunião, apresenta-se com uma guia de marcha em devida ordem e solicita ao marechal Spinola que Ihe mande apor a verba regulamentar: «apresentado, cumprido o servico que veio desempenhar regressa à anterior situação. Não foi abonado de alojamento nem de alimentação.» O velho cabo de guerra sorri e pergunta-lhe se para fazer o 25 de Abril também precisara de um papel daqueles ao que responde: «os tempos eram outros e agora posso ser acusado de ausência ilegitima!»

O sarcasmo não o impede, antes pelo contrário, de desenvolver um trabalho altamente meritório, reconhecido pelo próprio Presidente da República, de dignificação de quantos lutaram pela Liberdade.

Neste retorno Salgueiro Maia julga-se com direito a alguma coisa para si e para a sua Herminio Martinho e acompanha todas as



corajoso e em Dezembro regressa ao Continente, mesmo assim com um louvor onde se destaca o «seu muito zelo, generosidade e vincada personalidade »

É colocado na Direcção da Arma de Cavalaria, em funções incaracterísticas e aproveita o tempo livre para estudar e concluir as licenciaturas em Ciências Políticas e Sociais pelo ISCP e de Ciências Antroplógicas e Etnológicas, dando seguimento à sua sede de

Em Julho de 1979 volta a Santarém, ai continuava a residir com a família, mas não à EPC, pois colocam-no no Presidio Militar. como comandante da secção de presidiários! Ele sente a ofensa, o deliberado intuito de o humilhar, mas assume-o menos como uma afronta pessoal e mais como parte de um vasto e concertado processo de liquidição dos militares que se mantinham fiéis ao 25 de Abril. Continua a ser o mesmo homem e o mesmo militar de sempre: generoso, dinâmico, interessado na justiça e vai realizar uma obra de vulto na recuperação dos presos. Por esta actividade é lhe concedido um louvor de que muito se orgulhava: «oficial inteligente, apercebeu-se rápidamente que um dos problemas mais graves era a ociosidade dos presos, por isso promoveu desde logo uma série de iniciativas de que se salienta a recuperação de material e viaturas vindas do Ultramar. Oficial brioso, integro, desembaraçado e dotado de grande capacidade de decisão expõe os problemas e apresenta soluções com a maior lealdade, franqueza e desassombro, a que incute um cunho muito seu». Era o melhor que se poderia dizer do herói do Largo do Carmo, mas seria o melhor que ele merecia? As forcas invisíveis, os venenos ocultos, os processos subtis que o impediram de voltar à sua Escola terão, certamente, a resposta.

novo posto, não ultrapassara nenhum oficial mais antigo, reunia, enfim, todas as condições estatutárias, tal como todos os seus camaradas da EPC que haviam organizado e participado no 25 de Abril, não fora premiado.

Aproveitando o isolamento do campo militar, Salgueiro Maia dá-se conta do valioso património existente naquela que foi, desde a Il Guerra Mundial, a mais importante unidade de blindados do Exército Português e que, face aos programas de reequipamento, estavam em risco de se transformar em sucata. É assim, graças ao seu esforço, competência e persistência que nasce o primeiro museu de blindados de Portugal. Do antecedente escrevera em revistas militares vários artigos e ensaios sobre este assunto. No termo dos dois anos regulamentares de deslocamento, Salgueiro Maia volta a Lisboa para frequentar o obrigatório Curso Geral de Comando e Estado Maior, no Instituto de Altos Estudos Militares, que conclui com a classificação de Bom. Chega pr fim, em Julho de 1984, o momento do regresso à sua EPC. Dez anos depois do 25 de Abril, dos quais estivera oito fora a, como ele disse, cumprir uma pena que não prescrevia por não existir acusação explícita.

O regresso à Escola-mãe: O Tempo do Homem

familia. É o tempo do Homem, do homem amante das coisas simples e profundas se retemperar. Adquire uma casa modesta no Algarve que cedia aos amigos para aí passarem férias e onde os recebia quando lá se encontrava. Constrói de raíz uma habitação fora da cidade, perto do amigo de longa data,

O Homem de cultura

Salgueiro Maia entendia a cultura como a aplicação do espírito à raiz das coisas. Ele era o oposto do novo-rico, principalmente do novoriguismo cultural. Era, à sua maneira e como escreveu Francisco Sousa Tavares num artigo em sua memória, um aristocrata, que ia sempre buscar as razões do seu comportamento o mais longe que lhe fosse possível e retirava a força legitimadora dos seus actos no conhecimento adquirido. Mesmo quando parecia agir por instinto, havia muito trabalbo de base a suportar as suas posições. É com este entendimento que se deve compreender a sua atracção pelas ciências políticas e sociais - já que fora obrigado a desempenhar um papel político e social, queria, por honestidade intelectual, estar preparado para o representar. Porque este era o seu pais e porque era militar profissional, estudava História, quer a recente, quer a mais recuada. Porque vivera a realidade africana e fora muito marcado pela comissão na Guiné, estudou antropologia, etnologia e islamismo. O que fazia tinha um sentido: o de perceber e não o de se exibir.

Assim foi membro da Associação Portuguesa dos Amigos dos Castelos, tendo sido secretário geral do III Congresso, organizou o Dia Nacional dos Castelos em Santarém, participou em simpósios sobre fortificações fronteiricas e guiou visitas de estudo em Santarém e Castelo de Vide os seus grandes «amores». Ainda em Santarém dedica especial carinho à restauração do Convento de S. Francisco e recupera na parada da EPC uma antiga cisterna dos frades mendicantes

Publicou no iornal do Exército e em outros orgãos da imprensa militar trabalhos sobre o islamismo entre os povos da Guiné, o poder militar na história da colonização portuguesa nos séculos XV a XVII, o fim da colonização portuguesa no quadro da política intrnacional e sobre bandeiras ou estandartes da cavalaria. Construiu práticamente a partir do zero o Museu da Cavalaria uma obra única na sua EPC, recuperando viaturas e equipamentos antigos, reconstruindo outras, agregando vontades, saberes e cumplicidades. Tudo com pouco dinheiro, sempre vencendo resistências, por vezes de modo pouco conforme aos regulamentos, mas sorrindo sempre, tendo um prazer físico em mexer nas coisas, em as fazer funcionar ou destruir, em levantar o pó do esquecimento a valores esquecidos, em reunir para isso à sua volta os homens simples e conhecedores mais capazes para o efeito, era vê-lo rodeado pelos seus sargentos mais antigos, alguns dos quais tinham vindo com ele na coluna do 25 de Abril e que Ihe dedicavam uma amizade muito para além do regulamento de disciplina, muito ao contrário da bajulice. Para ultrapassar dificuldades chegou a vender

iornais velhos das salas de convívio e assim se adquiriram pecas valiosas: aquisições comemoradas como autênticas vitórias sobre a burocracial

A doenca

A doença que o vitimaria declarou-se em 1989-90 Assumiu-a com a major coragem. Soube desde o início do que sofria e dos perigos que corria mas, como acontecera ao sair para o 25 de Abril, fez tudo para preservar a familia das preocupações. Quando vem a Lisboa para exames médicos, diz a Natércia que vai para exercícios militares ou para tratar

Com o seu extraordinário desembaraço consegue ter acesso ao relatório médico onde a sua situação estava descrita com a crueza das palavras da ciência. Na véspera da segunda e última intervenção cirúrgica, no Verão de 1991, sai às escondidas do Hospital Militar e telefona a um amigo convidando-o para jantar. Andariam de poiso em poiso até de madrugada e entra por uma porta escondida enquanto a enfermeira o julgava a dormir à força de tran-

Aceita ir a Londres para uma consulta «apenas para que não digam que não tentei»; na véspera da partida está sentado na sala de oficiais da EPC diante de um iornal que não lê e. quando um amigo lhe pergunta como está, responde: «ganhou, o gajo (o cancro), ganhou» já não acabou de almoçar, mas ainda tenta convencer a mulher a deixá-lo ir sózinho. No dia do regresso será ele, sempre ele, que se esforça para telefonar chamar um táxi que os levasse ao aeroporto. Já não terminará a chamada. Entra em coma e não reconhecerá o velho amigo Herminio Martinho, que o recebe no avião. Morre a 4 de Abril, data em que, na terminologia militar, foi abatido aos efectivos da EPC e do exército, por ter falecido.

Desce à terra, em campa rasa e num caixão modesto, como pediu, ao som de Grandola e da marcha do MFA, coerente até ao fim, até para lá do fim. Vasco Lourenço, seu companheiro da primeira hora está longe e chora-o junto às pedras milenares do Muro das Lamentações. Entre a antiga judiaria de Castelo de Vide que se avista do cemitério e Jerusalém fecha-se um arco histórico e sentimental. Ele gostaria de saber que assim sucedeu.

Fragos soltas

O Tenente-coronel de Cavalaria Fernando José Salgueiro Maia foi, ao longo da sua vida

militar, agraciado com 12 louvores, sendo 5 de

oficial general. Possuia as seguintes condecorações:

- Medalha de Mérito Militar de 3.º classe - Medalha de Prata de Comportamento

- Medalha Comemorativa das Expedições

das FA Portuguesas com as legendas «Mocambique 1967-68» e «Guiné 1971-- Grã-Cruz da Ordem da Liberdade.

Possuia o Curso de Cavalaria da Academia Militar e o Curso Geral de Comando e Estado

Era licenciado em Ciências Políticas e Sociais e em Antropologia e em Etnologia

Era membro da Associação 25 de Abril e da Associação Portuguesa dos Amigos dos Castelos

Publicou vários trabalhos de indole militar, histórica, antropológica e etnológica

Cumpriu duas missões em Africa, foi um excelente comandante condutor de homens em

Organizou dois museus militares Construiu uma casa

Criou amigos e inimigos. As ofensas dos primeiros magoaram-no mais que os ataques dos segundos

Gostava de crianças

Recusou honrarias, alinhamentos partidários, ticas e calúnias

Frequentou universidades, palácios, mas do que gostava era da sua Escola de Cavalaria, da sua casa, da casa dos amigos, do convivio das pessoas simples, por esta ou outra ordem

Foi carcereiro durante dois anos e, nos Açores, arruaceiros a mando de gente importante chamaram-lhe cubano, ameaçaram-no de morte, mas não ousaram enfrentá-lo

Gostava de resolver os problemas à sua maneira e de forma pouco ortodoxa, era avesso à «cadeia de comando» embora fosse condecorado com a medalha de comportamento exemplar, porque foi sempre criança rebelde, capitão do mato, líder do grupo que se reunia à sua

Ouvia a opinião dos outros, mas seguia

Era humilde, mas nunca deixou que o humi-

Foi um dos obreiros do 25 de Abril e nunca o renegou

Casou com uma mulher excepcional e teve dois filhos, para sentar um em cada perna

Nunca a vida lhe foi făcil, mas sempre ultrapassou as dificuldades Tem o nome em várias ruas e praças, mas

sempre teve pudor em passar por elas Falava alto e grosso, mas no fundo era timido Gostava do campo, mas foi na cidade que se

cobriu de glória A doença venceu-o, mas ele olhou a morte de frente até ao último instante. Essa foi, talvez, a maior prova da sua coragem, pois amava

a vida intensamente Era um feroz individualista, por vezes injusto para com os seus amigos, mas só estava bem no meio deles, de preferência no seu centro

Tinha um humor mordaz, por vezes brutal, mas logo a seguir, com uma sonora "gargalhada à Maia", com um gesto de generosidade, fazia-se perdoar

Para o seu funeral reuniram-se os quatro preidentes da República que ajudou a instaurar Era um Homem que nenhum deus ousará

Carlos de Matos Gomes

com a saudade do

condenar



TORRE E ESPADA PARA SALGUEIRO MAIA

No dia 28 de Junho, Dia das Forças Armadas, o Presidente da República, nesta qualidade e na de Comandante Supremo das Forças Armadas. entendeu dirigir a estas algumas palavras para, acima de outras razões e na presença dos mais altos dignatários do Estado, dos adidos militares estrangeiros aqui acreditados e dos seus amigos, entre os quais os da Associação 25 de Abril, transmitir a decisão de agraciar o Tenente-coronel Salgueiro Maia com a excepcional distinção

Grande Oficial Ordem Militar Torre Espada. do Valor, Lealdade e Mérito.

Foi uma ocasião solene, marcante e única aquela em que o Presidente da República avocou este direito constitucional e fê-lo porque, nas suas palavras «Salgueiro Maia é uma figura emblemática de «capitão

Abril», patriota, militar políticamente isento, que tendo contribuído, como raros o fizeram, pela sua corajosa acção pessoal, para restituir a Liberdade ao Povo Português, nada aceitou em troca do regime democrático... assumindo com honra e alta dignidade a servidão da sua condicão militar. Como herói da Liberdade e como oficial de Cavalaria, Salgueiro Maia é um exemplo que se pode e deve salientar, nomeadamente perante a juventude, inscrevendo-se, aliás, na línha de desprendimento pessoal, de patriotismo e isenção do patrono da sua arma, Mouzinho de Albuquerque.»

Se a Língua é ainda o mais elaborado código de comunicação entre os homens, ela é-o não só pelo facto dos sons articulados em palavras possuirem um significado comummente inteligível pelos que a utilizam, mas porque o tempo, a circunstância e o local em que são proferidas a matizam e a reforçam de sinais. Foi o que aconteceu com a condecoração de Salgueiro Maia. Por isso, quando no alvará da sua concessão se considera «que o Tenente-coronel Salgueiro Maia, ao longo da sua valorosa carreira militar, prestou altos serviços à Pátria e às Forças Armadas, marcados pelo heroísmo, abnegação, altruísmo e espírito de decisão, que no comando de tropas em campanha revelou destacadas qualidades de chefia, espírito

de missão, sangue-frio e decisão debaixo de fogo, que demonstrou nobreza de carácter, generosidade na sua vida pessoal e familiar, que teve uma participação decisiva na acção militar que conduziu à restauração da democracia em Portugal. creditando-se como um dos mais puros e autênticos «capitães de Abril» e que, com a sua actuação no 25 de Abril e no 25 de Novembro, se tornou um dos mais importantes responsáveis pela devolução da Liberdade ao Povo Português» se está a descrever,

> com palavras exactas, isto é, justas, aquilo que Salgueiro Maia foi, aquilo de que nele nos revemos, nos orgulhamos nas suas facetas de homem, de mili-Perante

tar, de cidadão. inquestionável grandeza deste retrato passa a ser de somenos importância o grau da Ordem que lhe foi atribuído: as pala-

vras cumprem a sua missão de dizer o que devia

Quando a mais alta condecoração nacional é entregue à viúva de Salgueiro maia, na presenca dos seus filhos, naquele local, naquela data, perante aquelas entidades, a sua memória está a ser dignificada, respeitada e, em parte, redimida. Porque se Salgueiro Maia foi incómodo em vida, se é legítimo pensar que em vida nunca lhe outorgariam esta condecoração, a verdade é que até a sua morte foi um acto revelador das suas excepcionais qualidades, pois de novo congregou companheiros e amigos e neutralizou os que, ao arrepio das suas conciências, mais uma vez, como no Terreiro do Paco, como no Carmo, como no dia do seu funeral, tiveram de se vergar perante ele.

Onde quer que esteja, os olhos de Salgueiro Maia devem ter-se humedecido quando viram a Natércia receber o estojo com a Torre e Espada e a Catarina e o Filipe tocarem no colar de castelos, mas devem também ter brilhado de ironia pela boa partida que pregara nos que ali tiveram de testemunhar a sua consagração, a consagração dos valores que sempre defendeu, sem coragem mesmo para chegarem atrasados...

Carlos de Matos Gomes

DESCOBERTA DO CAMINHO MARÍTIMO PARA A ÍNDIA

A 20 DE MAIO DE 1498 a frota de VASCO DA GAMA

fundeia em Calecut, atingindo a Índia, cobiçado objectivo de Portugal e da Europa

caminho marítimo para a Índia,



VASCO DA GAMA (1468 ?-1524), filho segundo de Estevão da Gama, nascido em Sines, perito em navegação.

D. Manuel I, confirmando escolha feita pelo seu predecessor D. João II, nomeou-o para capitanear a armada de descobrimento do que partiu do Tejo em 8 de Julho de 1497. A expedição constava das naus S. Gabriel, S. Rafael e a caravela Bérrio, comandadas respectivamente por Vasco da Gama, seu irmão Paulo e Nicolau Coelho. Seguia também um navio velho com mantimentos e destinado a ser queimado depois de esvaziado. Deixando as Ilhas de Cabo Verde em 3 de Agosto, a frota meteu-se afoitamente ao oceano, navegando durante 90 dias sem vista de terra e contornando os ventos alisados até encontrar, já no hemisfério sul, os de feição para levá-la através do Atlântico - a navegação mais prolongada e audaciosa empreendida até então. Em 8 de Novembro, fundeando na baía de S.11 Helena, o Capitão tomou a altura do Sol com o astrolábio e verificou encontrarse a poucas léguas do Cabo da Boa



Esperança (dobrado pela primeira vez por Bartolomeu Dias em 3 de Fevereiro de 1488) que dobrou no dia 22 de Novembro de 1497, tendo fundeado na baía de S. Brás a 25. Destruída a nau dos mantimentos, e erigido um padrão, largaram de aí, e a 11-1-1498 surgi-





Vasco da Gama pôs o nome de Cobre. De aí passaram ao rio dos Bons Sinais (Zambeze), começando a encontrar os primeiros indícios da civilização oriental. A 24 de Fevereiro retomaram a sua viagem. Chegaram a Mocambique a 2 de Março, a Mombaça a 7 de Abril, a Melinde a 13. Contráriamente ao que ocorrera em Moçambique e em Mombaça, onde os nossos tinham tido que defender-se de ciladas, foram muito bem recebidos em Melinde Mantidas excelentes relações com o régulo, obteve o Gama um piloto árabe que conhecia muito bem a navegação do Índico, piloto que o erudito francês Gabriel Ferrand identificou, descobrindo chamar-se Ahmad-bin-Madjid. A armada partiu de Melinde a 24 de Abril e avistou Calecute a 17 de Maio. Três dias depois fundeava. O capitão-mor mandou pedir audiência ao Samorim, a fim de lhe entregar as cartas de D. Manuel, em que este lhe propunha o estabelecimento de relações comerciais, carregando os portugueses as especiarias e demais produtos do Oriente em troca do que pudessem levar da Europa. O chefe indiano não os acolheu de maneira verdadeira-

mente favorável, e pouco depois começaram os nossos a sentir-se hostilizados, o que sucedia por iniciativa dos Mouros, os quais seriam prejudicados pela competição dos Portugueses, e, por isso faziam todo o possível para lhes impedir o acesso às especiarias. Não dispondo Vasco da Gama de meios militares suficientes para se impôr. decidiu o regresso, depois de vários episódios contrariadores. A 15 de Outubro deixava finalmente a costa do Malabar em direcção à África. A travessia foi muito trabalhosa por causa das calmarias e dos ventos contrários, desenvolvendo-se nas tripulações, já bastante diminuídas, o escorbuto. Na primeira semana de Fevereiro de 1499 lancavam ferro em frente de Melinde; e, largados de aí, uma semana depois estavam nuns baixos que se ficaram chamando de S. Rafael por aí se haver queimado a nau deste nome, em que vinha Paulo da Gama, vista a impossibilidade de fazer navegar três navios com tão pouca gente. Em seguida, passando por Zanzibar e pelos Ilhéus de S. Jorge, chegaram às alturas do Cabo da Boa-Esperança, que dobraram a 20 de Março sem tormenta. Dois meses depois avistaram as ilhas de Cabo-Verde, com os dois navios: A "S. Gabriel" e a "Bérrio", de Nicolau Coelho. Este veio adiante, e chegou a Lisboa. com a nova do descobrimento, a 10 de Julho, Entretanto Vasco da Gama, por causa do irmão, gravemente enfermo, fretou uma caravela, navio mais rápido, e partiu com ele, lancando rumo a Portugal e entregando a "S. Gabriel" a João de Sá.

O irmão, porém, piorou a pontos de o obrigar a arribar à Ilha Terceira, com receio de ter de lhe lançar o cadáver ao mar. Em Angra fez desembarcar Paulo da Gama, que faleceu no dia seguinte. Da Terceira partiu a 29 de Agosto com direcção a Lisboa. Fundeou em frente de Nossa Senhora do Restelo num dos primeiros dias de Setembro (talvez 9). Depois de cumpridas as novenas que havia prometido, entrou na cidade, sendo recebido solenemente pelo rei em presença de toda a Côrte. Como prémio da descoberta, D Manuel doou-lhe a tença anual de 300800 réis; criou para ele o almirantado



da Índia, com os privilégios, rendas e honras do almirantado de Portugal; outorgou-lhe que pudesse empregar todos os anos, no Oriente, até 200 cruzados em mercadorias, e trazê-las e negociá-las no reino sem pagar fretes nem direitos além da vintena para a Ordem de Cristo; deu-lhe o título de conde da Vidigueira, e concedeu-lhe o prefixo nobiliário de Dom. Prometeu-lhe também o Senhorio de Sines.

Vasco da Gama partiu mais duas vezes para a Índia: em 1502, como comandante de uma armada de vinte velas, e em 1524, como governador e vice-rei, reinando já então D. João III.

Texto de Barbosa Pereira

O POSTO DE SOCORROS

Não é uma nota de modernidade, o desejo dos comandantes das unidades militares deixarem uma qualquer obra, um melhoramento no seu quartel, que assinale a eficiência do seu comando. Se em tempo de guerra todo o general sempre precisou de uma batalha para ganhar, em tempo de paz todo o comandante necessita de uma obra para inaugurar. Nela investe a sua "busca de glória", que Janowitz aponta como uma das "quatro componentes originais da honra militar" (as restantes serão a

"conduta aristocrática", a "fidelidade pessoal" e a "fraternidade autónoma").

Já assim era quando ocorreu esta história que aqui se conta, aí pela remota década de quarenta. Só que, então, as disponibilidades eram mais modestas e a ambição deste comandante, sem a influência do novo-riquismo importado pelos contactos com a OTAN e com a CEE, ainda não sonhava com auditórios, monumentos ou polidesportivos. Ficava-se por um modesto Posto de Socorros.

O comandante estava feliz porque conseguira o seu objectivo. Inaugurar o Posto de Socorros antes de terminar o seu mandato, que ficaria assim assimalado, justificando, para o futuro, a presença da sua fotografia, a meio-corpo, na galeria dos retratos que enchia as paredes do seu gabinete e dava rostos humanos à história do regimento.

No dia seguinte seria a inauguração, com pompa e circunstância, que SEXA o general comandante da Região Militar se dignaria abrilhantar com a sua presença.

Antes de recolher a casa quis fazer

Vamos prosseguir com esta secção de "testemunhos".

Nela procuramos registar "histórias da caserna", narradas em tom ligeiro, mas que revelem um pouco da maneira de ser do homem e do militar português, nas suas virtudes e nos seus defeitos, afinal na especificidade do seu humanismo.

Serão episódios que, se bem que envolvidos em alguma ficção literária, no essencial assentarão em casos autênticos, vividos ou assistidos pelo autor, ou que como autênticos lhes foram contados. Retratarão também um pouco as épocas em que decorreram, e à qual não era alheio o ambiente dentro dos quartéis.

uma última visita à menina dos seus olhos.

Era um exíguo compartimento, de altas paredes pintadas de branco, que se reflectiam no chão de cimento com um tom avermelhado, proporcionado pela mistura de oca, bem polido e encerado. Ao centro a marquesa, coberta com um lençol branco, com aquele aspecto pouco estável de uma longa saliência da cabeceira virada para a porta. Na parede da esquerda, um armário de vidro, com alguns instrumentos de pequena cirurgia e os medicamentos de uso corrente. Na da direita, uma mesa de pensos, também em vidro, com os vulgares frascos de álcool, água oxigenada, mercurocromo, tintura de iodo, e as caixas de adesivo, gaze e algodão. Na da frente, ao centro uma janela, à esquerda, ao canto, a secretária do médico e uma estante-arquivo, impecavelmente pintadas de branco. À direita, um lavatório de mãos e outro mais pequeno e mais baixo, um pouco acima da altura dos joelhos, por cima uma torneira e uma prateleira com uns sabões desinfectantes e um bojudo frasco de permanganato. Era o posto antivené-reo, regulamentar nos quartés de então; por onde os militares tinham obrigatoriamente de passar e registar-se, como remate de um episódico encontro amoroso comerciado a baixo preço, para prevenirem as consequências disciplinares a que se sujeitariam se surgisse alguma "infamante doença" por terem descurado a desinfecção.

O REFERENCIAL

Nos intervalos, cadeiras metálicas pintadas de branco. O comandante gostou

do que viu e denunciava felicidade no seu rosto. Retirou-se satisfeito e tranquilo.

Depois do rancho da noite o cabo enfermeiro teve uma ideia. Quis fazer uma surpresa ao comandante colocando uma jarra com flores na secretária do médico. Precisava de mandar chamar o jardineiro.

A porta do Pôsto de Socorros dava para um longo corredor interior ao fundo do qual estava uma caserna. O cabo viu ao fundo um soldado que saía da caserna e chamou-o. Era um homem simples, camponês que só vira a cidade quando fora "às sortes", sempre pronto a ajudar, mas desengonçado e mais habituado aos socos de madeira do que às botas da tropa.

O soldado correu lesto ao chamamento do nosso cabo. Fez a curva em derrapagem para entrar no Posto de Socorros, mas o contacto com o chão encerado não perdoou. Escorregou, desequilibrou-se, agarrou-se à cabeceira da marquesa que empinou, manteve-se momentâneamente em equilibrio instável, acabando por cair com estrondo para a esquerda, em cima do armário de vidro que se desfez em cacos, instrumentos espalhados pelo chão, misturados com comprimidos e caixas de pomadas. O soldado, com um ar aparvalhado, mal se apercebendo do significado do desastre, ainda conseguiu desenvencilhar-se do lengol e, a custo, pôr a marquesa de novo em pé. Mas o cabo enfermeiro, recuperando da surpresa da espectacular entrada do soldado, ficou em pânico:

- "O que é que o nosso comandante vai dizer? Não mexas em mais nada e desaparece-me daqui."

Resolveu ir procurar o oficial de dia: - "Meu capitão, sucedeu uma desgraça."

- "Mas que desgraça homem, algum acidente? Há feridos? Morreu alguém?"

- "Não meu capitão... O Posto de Socorros... uma desgraça..."

O capitão foi ver. E assim que entrou no Posto de Socorros não teve dúvida: "O que é isto? Voeês andaram para aqui à porrada e partiram isto tudo! O nosso comandante mata-vos."

O cabo bem tentou explicar que não. E relatou a história, as flores, o soldado a correr, a desequilibrarse, a cair, a agarrar-se à marquesa... Mas o capitão não engolia. Que não pensasse que ele era parvo. Fosse contar essa a outro. Tudo à porrada foi o que foi.

Não adiantava continuar a conversa. Amanhã com o comandante logo se veria. Mas deu ordem para não se mexer em nada. Deixassem tudo como estava.

No dia seguinte o comandante chegou cedo. Era preciso preparar a recepção ao general. Quando o oficial de dia o foi receber à porta de armas, nem sequer esperou pelo habitual "Meu comandante, não há novidades" e disse logo:

 "Vamos lá ver o Posto de Socorros". O oficial de dia ainda tentou refrear o entusiasmo:

- "Meu comandante, desculpe, houve um acidente".

- "Um acidente? Mas o quê homem, desembuche".

- "É melhor o meu comandante ir ver."

Não perderam tempo e, em marcha forçada, foram para o Posto de Socorros. Ao chegar à porta o comandante ficou apoplético e desatou aos berros para o cabo e os auxiliares de enfermeiro que, lá dentro, mal o conseguiam encarar:

- "O que aconteceu? Eu mato-os. Então vocês andaram para aqui à porrada e partiram-me o Posto de Socorros? E agora, inauguro um monte de ruínas?"

O cabo, a custo tentou explicar:

- "Meu comandante... as fores...o soldado desengonçado... a corrida... as botas cardadas... o encerado... a queda... a marquesa empinada..."

- "Tu julgas que eu nasci hoje?" berrava o comandante. "Senhor capitão, levante já um auto, mande buscar papel, comece já a investigação, eu quero assistir".

Não havia condições para contrariar o comandante e aliás o capitão também não papava a história. Foi à porta do Posto de Socorros e, ao fundo estava um soldado, tão mal amanhado como o da véspera. Chamou-o. O soldado, solícito, veio correndo. Ao entrar no Posto de Socorros e vendo o comandante atrapalhou-se, quis fazer uma rasgada continência e um enérgico batimento de calcanhares. Mas as botas cardadas escorregaram no chão encerado, desequilibrou-se, agarrou-se à cabeceira da marquesa que se empinou e veio cair, caprichosamente, para o lado direito, atingindo em cheio a mesa de pensos que, mantida incólume no desastre da véspera, se desfazia agora em estilhaços, frascos partidos e mercurocromo e tintura esparramados pelo chão e pelas paredes brancas.

O capitão olhava, mudo, e não queria acreditar. O comandante entrou em transe. Primeiro sem articular palavra, entúpido. Mas depois explodiu aos gritos:

- "Sr. capitão, não faça auto nenhum, rasgue o auto, deite fora, eu pago, eu pago tudo". E saiu, de cabeça erguida.

O cabo e os soldados enfermeiros, aliviados, não sabiam que dizer. Só aquela providencial coincidência os salvou da mão pesada da disciplina. O comandante tardou a recuperar do abalo, mas acabou por ter o seu Posto de Socorros, limpo e inteiro, e com um chão menos traiçoeiro. Mas nunca ultrapassou por completo as dúvidas de que pudesse haver tão estranhas coincidências. Só conseguia murmurar com os seus botões:

"Ele há coisas ..."

Pedro Pezarat Correia



NOTAS POLÍTICAS

A DINAMARCA

A prazo o recente voto NÃO no referendo da Dinamarca sobre a ratificação dos acordos de Maastricht vai ser altamente benéfico para a saúde, bem estar, riqueza e vitalidade da Europa.

A Europa é um aglomerado de povos e nações com culturas, línguas e passados que os identificam e diferenciam, não um conjunto de cidadãos que possam ser contabilizados por igual, como números de computador.

A Europa do futuro só pode ser a do encontro dos povos, não a da sua dissolução. Foi isto que, na sua pressa, os tecnocratas e comissários de Bruxelas e os políticos que se julgam "construtores da Europa" comecavam a esquecer.

O que a Dinamarca veio lembrar é que os povos existem – incomodamente para eles, tecnocratas, e felizmente para nós, gente da Europa, com a identidade profundamente ligada aos povos a que pertencemos.

Vai ser um pouco mais demorado e complicado prosseguir com a construção da Europa depois do voto da Dinamarca. Não é grave. O pior que poderia suceder era a construção apressada de uma Europa simplificada, em que, por razões de rapidez e eficácia, as vozes dos países pequenos deixassem de se ouvir. De uma Europa em que, depois, nos sentíssemos mal e com direitos diminuídos.

A Dinamarca afirmou o seu direito de, continuando na Comunidade Europeia, fazer ouvir a sua voz de pequeno país.

Só lho podemos agradecer. A nossa obrigação é dar-lhe apoio e não começar a falar em Europa a 11, como fez a nosso ministro dos Negócios Estrangeiros.

Portugal é um país muito diferente da Dinamarca. Tem, em particular, uma economia mais fraca e uma grande emigração no centro da Europa. São razões mais do que suficientes para, na questão do acordo de Masstricht, se pronunciar de modo diferente.

Mas não ser dado ao povo português o direito de se pronunciar directamente sobre o assunto, com argumentos de que não estaria para isso preparado, como disse a deputada Edite Estrela, ou de que os referendos são imprevisíveis, como disse o Primeiro Ministro, é perfeitamente inadmissível.

O não reconhecimento da maturidade política do Povo português e a imprevisibilidade da Democracia eram os dois argumentos em que se apoiava o anterior regime.

A classe política está a cometer o gravís-

simo erro de não aproveitar o referendo, ao menos consultivo, para se reencontrar e reconciliar com o país.

AS FORCAS ARMADAS

Há uma Esquerda do tipo PSR que sempre fez da luta (verbal) contra o serviço militar e as forças armadas um ponto de honra dos seus programas e, quase se pode dizer, da sua identidade.

Avançou sempre com a pergunta: "Para que servem as forças armadas?" sem estimular qualquer debate sobre o assunto, nem esperar resposta que, tida por evidente, não precisava, nem convinha ser explicitada (se o fosse poderia revelar algumas fraquezas).

Também não se precoupou em promover sondagens junto dos soldados à saída da tropa, ou dos homens que a fizeram há vários anos, para saber o que pensavam, se tinham aproveitado algo, se consideravam a tropa uma pura perda de tempo. Como Esquerda, considerava "a priori" saber que "os jovens não querem fazer a tropa", e a verdade é que a ideia fez escola e foi adoptada celas juventudes do PS e do PSD.

O que ninguém esperava é que um partido, de certo modo equilibrado e sério como pretende ser o PSD, adoptasee, bruscamente, sem nenhum estudo nem debate sério, uma medida como a da redução do serviço militar obrigatório para 4 meses, que nem os mais imaginativos militantes do PSR ousaram propór.

A decisão foi há pouco mais de um ano. Nenhum país da Europa tomou medida tão extrema. Depois, houve a guerra do Golfo – altamente tecnológica – e agora desenvolvem-se os conflitos do Leste com armas convencionais em que os militares quase se não distinguem dos civis.

Para que tipo de situação quer o governo preparar as nossas Forças Armadas?

É óbvio que é a nossa situação geográfica, que nos dá a sensação do país não ter renenhum problema de defesa, que permite ao Governo abordar o problema da reestruturação das FA como se de uma mera empresa tratasse, com os ministros Fernando Nogueira e Mira Amaral a falarem a mesma linguagem de economia e modernização.

Mas o problema não é mais complexo? Não era necessário um debate nacional antes de se tomarem medidas como a da redução brusca do SMO, que o desarticula completamente, e agora da redução do quadro de oficiais?

Na ânsia de reestruturar, o Governo esquece que as Forças Armadas portugue-

CRAVOS DE ABRIL

A veneranda e nobre Nação, agonizava. Ouviam-se lamentos, muitos ais.

Dos trinta mil mutilados, das viúvas, das mães, dos filhos e dos pais.

E a ditadura, insensível e cruel, a todos iludia.

E o povo, ingénuo e generoso, sofria, nada compreendia – e morria.

Os legionários, até então, coveiros da Nação, iam acordar, para a redenção.

A libertação, sonho?, quimera?, ia acontecer na Primavera. E o milagre acontece, e o mundo se enternece.

Porque da boca do fusil,

Não saí o aço que mata, que assassina - na mata.

Não sai o aço que mata, que assassina – na mata. Saem ós cravos vermelhos.

Que são os cravos de Abril. E agora, a multidão, à violência diz NÃO.

E aplaude, beija, canta e grita, contente.

De feticidade. Afinal, é tão bela, é tão linda – a LIBERDADE.

E naquele dia Sagrado – Abençoado, cheio de glória. Nosso povo, nossa gente,

Por sua livre vontade. Escolheu o seu destino, escreveu a própria histó-

ria. E disse adeus ao fusil. Foi no dia 25 de Abril.

> São Paulo, ABRIL de 1992 Iosé Verdasca

sas ainda são respeitadas como as forças que restauraram a democracia no país e que é com o desenvolvimento do seu relacionamento com a sociedade civil e, no exterior, no âmbito de tarefas de pacificação, que podem ser mais úteis.

Na ânsia de modernizar, arrisca-se, também, a confundir defesa com soberania. Não tendo o país, de facto, neste momento, problemas visíveis de defesa, não interessa que as suas FA se modernizem só com equipamentos que as deixam na total dependência do exterior. Nesse caso, as FA deixam de ser orgãos garantes da soberania, para serem orgãos que aumentam a dependência.

Um país é soberano quando tem soldados de infantaria que o defendam. O resto, tanques, navios, aviões não dependem só dos
homens. Uma vez que já fomos obirgados a
usá-las, não deviamos mudar agora as G3
que muitos homens ainda são capazes de
sentir nas mãos. Não se trata de estar na
expectativa de um qualquer conflito. É uma
questão psicológica que tem que ver com a
existência fintima de uma comunidade. É o
que faz a diferença entre as Forças
Armadas e uma qualquer empresa.

Gostaria de ver estas questões muito mais discutidas, inclusivé com a participação do

(9-6-92) António Brotas

QUE PAÍS PARA TAIS HERÓIS?

De boas intenções está o inferno cheio. Provérbio que, mais uma vez se vê justificado face ao que se passa com as pensões por serviços excepcionais e relevantes prestados ao País. Com efeito, as intenções do legislador ao aprovar o Decreto-Lei 404/82 até eram boas. Porém (há sempre algum porém), em 1987 apareceu outro legislador que resolveu "simplificar o processamento e a concessão das pensões", tendo a preocupacão de o fazer sem alardes e limitando-se a alertar os amigos. Resultado: a corrida indecorosa e desordenada às pensões foi um facto. Foi um "ver se te avias". Sempre com a preocupação de não fazer muitas ondas, não fosse a notícia espalhar-se muito e a concorrência ser maior, aproveitando da melhor maneira possível a composição do Supremo Tribunal Militar (STM), entidade a quem competia(?) dar parecer sobre a bondade da pretenção face aos valorosos feitos, excepcionais e relevantes. Como não podia deixar de ser, as listas dos concorrentes premiados" constituíram-se num verdadeiro escândalo. Nelas havia de tudo, até os que haviam efectivamente praticado actos que se enquadravam no espírito e na letra do diploma. Mas estes, na generalidade, não justificam a atribuição de pensões pois, para além desses actos já terem dado origem a condecorações e mesmo algumas promoções por distinção, não estavam em situações económicas precárias justificativas de pensões. Viam porém as suas posições manchadas pela inclusão nas listas de premiados, de outros que se haviam "distinguido" fundamentalmente por actos de subserviência e suporte ao regime fascista, nomeadamente em acções policiais. E é de domínio público as dúvidas que envolvem o mérito de muitas condecorações atribuídas, incluindo algumas que viriam a suportar as pensões agora concedidas. Como resultado, o espírito da lei estava completamente deturpado, transformando-se a mesma num instrumento de concessão de regalias pecuniárias, com a agravante de os beneficiários - muitos deles oficiais superiores e generais - estarem longe

de se incluírem na classe dos mais carenciados.

O escândalo assumiu maior dimensão, quando surgiram os primeiros nomes dos distinguidos por actos não praticados em teatro de guerra. Aí a característica fundamental era a de se terem tornado activos militantes contra o partido político a que haviam pertencido durante o renegado seu passado antifascista. Situação que então até nem surpreendeu muito, pois a moda era premiar os arrependidos...

Perante este panorama, alguns militares de Abril decidiram "provo-car" os órgãos intervenientes nesse processo: requereram a concessão de uma pensão por serviços excepcionais e relevantes, com base na sua participação no 25 de Abril de 1974.

Como os próprios já esperavam, a decisão foi coerente com o procedimento normal desses órgãos (procedimento não assumido publicamente, pois todos continuam a mostrar-se admiradores agradecidos "dos militares de Abril"). Por um lado, o STM limpava as mãos, pois a lei só o mandava dar parecer sobre actos realizados em teatro de guerra. Por outro a Procuradoria-Geral da República decidia considerar que o simples facto de ter participado activamente em todo o processo do 25 de Abril (mesmo que tivesse sido atribuída a Grã Cruz da Ordem da Liberdade) não justificava a concessão da pensão. Confesso a minha curiosidade: gostaria de ter acesso aos processos dos "ex-comunistas, arrependidos" agraciados, para poder comparar com os dos militares de Abril recusa-

Numa situação mais delicada se devem ter encontrado todos, aos diferentes níveis, quando tiveram que decidir sobre o requerimento do Salgueiro Maia, que não quis perder a oportunidade para mais uma provocação ao poder. Fê-lo, como os outros militares de Abril, com a convicção de que não iria ter uma resposta positiva. Mas ao fazê-lo criou um autêntico bico de obra difícil de resolver. Seria demasiado evidente e incompreensível considerar como não autor de serviços excepcionais e

relevantes ao País o herói do Carmo e do Terreiro do Paço, autêntico símbolo da libertação dos portugueses e da instauração do actual regime democrático. Seria difícil e ninguém compreenderia. Custa, aliás, compreender como se não considera o 25 de Abril como o serviço mais excepcional e relevante que alguém prestou, nos últimos tempos, a Portugal.

Perante estes factos, a Procuradoria-Geral da República não teve condições para manter a posição anteriormente assumida com os militares de Abril. Por isso, propôs a concessão da pensão ao Fernando Salgueiro Maia.

Proposta que o Primeiro-Ministro, ou eventualmente o ministro das Financas, resolveu meter na gaveta desde Junho de 1989... Vá-se lá saber porquê!... Havia aliás, notícias de que a concessão de pensões estava congelada. Compreende-se portando o escândalo que constituiu a notícia da concessão de pensões por servicos relevantes e extraordinários prestados ao País (?!) - a dois agentes da PIDE/DGS! Palavras para quê? Confesso que tenho dúvidas em decidir sobre o que mais me escandaliza: se os testemunhos favoráveis prestados por algumas personalidades do poder e que influíram na decisão do STM; se a posição tecnocrática do mesmo STM que se deixa enredar em decisões que não lhe deviam caber e acaba instrumentalizado pelo poder executivo; se, finalmente, a decisão última de quem tem capacidade para tal, ou seja do chefe do governo!

Com situações destas, em que o órgão máximo da justiça militar para quando um grande debate sobre a razão de ser de um foro especial para as Forças Armadas, em tempo de paz? — se coloca em posições de mero órgão burocrático e de conselho, o prestigio dos militares e das Forças Armadas não pode ser grande. Pois se até já servem de suporte a autênticas homenagens a pides!

Mal vai o Portugal de Abril...

"PEDAÇOS DE UMA VIDA"

Por José Magalhães Godinho

Como o autor tem o cuidado de esclarecer logo nas primeiras páginas desta obra, não se trata do livro das memórias da sua vida, felizmente iá longa e plena de acontecimentos importantes, quer a nível pessoal, quer a nível nacional, pela participação que teve ao longo de mais de sessenta anos em quase tudo o que neste país se fez para combater a ditadura resultante do 28 de Majo de 1926.

Essas memórias são o que o autor preferiu designar pelos "pedaços de uma vida". Não hesitamos em acrescentar que devem ser raros os portugueses que se possam orgulhar de terem vivido tais "pedacos". em que o interesse colectivo sempre se sobrepôs aos seus interesses pessoais, com sacrifício da sua carreira de advogado em defesa daquilo em que sempre acreditou profundamente, isto é, que era necessário combater a ditadura em todos os campos, dos tribunais à acção política periodicamente permitida em doses restritas pelo poder então vigente.

A circunstância do relato não ter uma sequência cronológica, sendo os assuntos tratados por forma temática, não lhe retira em nossa opinião qualquer interesse. Junta-se ainda como facto importante a inclusão no texto de importantes documentos elaborados durante a luta pelo regresso à liberdade e pela instauração da democracia, que pela sua dispersão no tempo são de difícil consulta individual.

Não é possível ler esta obra sem a associar inconscientemente aos livros publicados pela Comissão do Livro Negro Sobre o Regime Fascista, de que o Dr. Magalhães Godinho foi um dos principais impulsionadores, e de que já aqui nestas páginas do Referencial lamentámos profundamente a extinção.

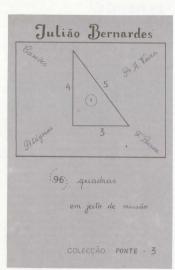
A recordação do que foi o regime ditatorial, que governou durante 48 anos este País, é indispensável para que as novas gerações não tenham o álibi da sua ignorância para justificarem a escolha de certos comportamentos fascisantes. Um dos pontos que consideramos mais negativos no actual regime democrático é a total indiferenca de muitos que detêm o poder pela necessidade de esclarecer a juventude sobre aquilo que foi o regime fascista em Portugal. No entanto, fazem-se por vezes importantes tentativas de recuperação dos aspectos positivos daquele regime, para por arrastamento desculpar a globalidade do sistema. Afinal não era tão mau como diziam!

É pois necessário combater tal hipocrisia com a publicação de obras como aquela que hoje aqui assinalamos, embora tenhamos consciência da relativa impotência de uns parcos 2000 exemplares perante o silêncio, que um meio de difusão como a televisão, que alcança milhões de portugueses, genericamente mantém sobre este nosso passado anterior ao 25 de Abril, guerra colonial incluída, e que quando o faz mais parece desculpá-lo que incriminá-lo.

Será que apesar de muito jovens para terem qualquer responsabilida-

de no regime anterior se consideram inconscientemente como seus her-





"EM JEITO DE MISSÃO"

De Julião Bernardes

Os poemas que constituem este pequeno, estranho livro, em forma de quadras soltas, cruzam, pelo seu tema popular, pela sua toada profética, Aleixo, Bandarra e Agostinho da Silva.

"O que sou pouco me importa / pois sem o saber vou sendo / que o que julgo ser / não vale o que vou fazendo", é um exemplo disso.

Julião Bernardes, pseudónimo de um "militar de Abril", tornase, pela sua extrema duplicidade, perturbador. "Tudo há-de suceder / no limite do seu prazo / sou dos que acreditam há / Ciência no puro acaso"

Um número ritualista, o noventa e seis, marca as quadras seleccionadas que o autor dedica "a todos os camaradas do batalhão de Cacadores n.º 96, vivos e mortos, que por terras de Angola, de 1961 a 1963, exerceram a sua acção, na guerra e na paz, com a certeza de que tudo o que sucede existe e permanece na finalidade do que há-de ser, independentemente dos resultados visíveis por cada um de nós, ou por todos"

Camões, Padre António Vieira, Pessoa e Pitágoras são-lhe nomes angulares. "Em jeito de missão", agora editado um pouco contra a corrente dos meios culturais dominantes pelo Grupo de Estudos Figueira da Foz, com capa do próprio autor, é o seu título, a sua síntese.

Fernando Dacosta



"Há'dezoito anos eles tiveram o poder absoluto nas mãos. Não o quiseram, porém. Com simplicidade, entregaramno, através de eleições livres, aos partidos. O mundo, era a primeira vez que tal acontecia na história, olhou-os estupefacto (...) A cúpula militar excluía-os não lhes perdoando a "infedilidade" da Revolução

> Fernando Dacosta "Público" 25 Abril 92

"É de recordar que a Revolução de Abril triunfou sem a menor resistência e e perante o entusiástico apoio dos portugueses. Tal triunfo, mais do que uma mera vitória militar, representou o epílogo de um regime que se autodestruiu, rendendo-se sem luta "(...)"

Mar. António Spínola Idem

(O 25 de Abril foi)

"(...) um acontecimento que fatalmente tinha de acontecer, uma vez que os governantes tradicionais não compreendiam ou não tinham coragem de aceitar a evolução social e política que vem transformando o mundo depois de 1945."

Gen. Galvão de Melo

(Sobre o 25 de Abril)

"No que me respeita, tinha consciência de que participava numa imperativa, inadiável e patriótica rotura do sistema."

> Cor. Costa Brás Idem

(O 25 de Abril foi)

"Uma data histórica sem a qual não existia futuro."

Maj. Marques Júnior

"(...) a transformação social aí está com um novo Homem, que é principalmente uma nova Mulher, devemos reconhecê-lo."

Cor. Cardoso Fontão Idem

(o 25 de Abril)

"Sob o ponto de vista militar, foi "um golpe contra-natura" porque "não teve a participação da hierarquia", que "a instituição ainda não absorveu".

Ten. Cor. Teófilo Bento

(o 25 de Abril)

"(...) é também um estado de espírito perante a vida, um ideal de liberdade plena e uma esperança permanente numa sociedade progressivamente melhor, mais justa e mais solidária, onde as pessoas nasçam para ser felizes num mundo onde todos o seiam."

Cor. Costa Neves

(o 25 de Abril) "Foi lindo!"

Cor. Teixeira Gil

(o 25 de Abril foi)

"Em primeiro lugar, um acto que tinha de ser feito a todos os títulos, incluindo o da higiene histórica (...) Ten. Cor. Matos Gomes

Ien. Cor. maios Gomes

"Nada havia mais a fazer do que suportar o "25 de Abril"

> Gen. Kaulza de Arriaga "O Diabo" 21 Abr. 92

"(...) os silenciosos, os submissos, os subservientes e os oportunistas do passado, falam hoje alto, com arrogância, com desprezo e com desdém, dessa madrugada maravilhosa e dos Homens que tiveram a coragem de desencadear essa acção - os jovens militares aglutinados no sema Movimento das Forças Arma daseu

António Nunes Pres. da Freg. de Venteira (Amadora) Nas comemorações do 25 Abr. 92

"(...)se observa actualmente uma enorme frieza e desconsideração na forma como se pretende afastar os quadros das Forças Armadas – exactamente a geração que tomou parte na acção do 25 de Abril."

Cor. Miquelina Simões "Público" 25 Abr. 92

"O silêncio dos militares, no seu actual quadro restritivo, não serve os interesses decorrentes da indispensável e urgente reformulação dos fundamentos da política de defesa nacional, como também não favorece a imagem exterior da instituição militar."

Gen. Belchior Vieira

> "Público" 19 Mai, 92

"Não posso, porém, deixar de acusar o Estado de não ser "pessoa de bem". Quando tinha 18 anos, assinei um contrato para toda a vida, um contrato de carreira, que me dava como horizonte de reforma os 70 anos. Unilateralmente, aos 55 anos reformaram-me. Gastaram a carne. Deitaram fora o sos.

Ten. Cor. Victor Alves
"Público"
25 Abril 92

(...) aquilo que os coronéis gostariam de dizer... mas não podem, devido às existentes restrições profissionais de liberdade de expressão. (...) De facto somos muitos, provavelmente em número excessivo. Para logo em seguida se lembrarem: mas os outros? Os coronéis civis? Os directores-gerais ou equivalente, os assessores, secretários, consultores, conselheiros, chefes de gabinetes, de departamentos, etc., etc., que se multiplicam como praga de parasitas sem que ninguém consiga advinhar o limite, cada Diário da República trazendo a nomeação de mais e mais "coronéis", e "coronelas", alguns não chegando a ultrapassar os 30 anos de idade? (...) Os coronéis militares gostariam de dizer que, efectivamente, desconfiam que a apetência que o Estado manifesta pelas alterações das normas estatutárias das FA. mais não significa que a intenção de controlar políticamente a Instituição Militar. (...) Por último, os coronéis militares de 1992 - geração dos capitães que fizeram o 25 de Abril - gostariam de poder confessar que, na realidade, a Instituição Militar chegou à presente crise com a espinha partida. (...) E que isso se deve, em grande parte, a causas endócrinas: em particular, ao longo e pervertor processo de "normalização das FA" verdadeira caça às bruxas, cujo menor dos atropelos terá sido a violação de direitos adquiridos, e cujos efeitos traumáticos sobre o equilíbrio interno do organismo militar talvez sejam irrecuperáveis."

Cor. Varela Gomes "Público" 7 Jun. 92

"O STM mostra-se insensível ao facto de haver candidatos a "heróis da Pátria" que pertenceram a uma organização politica/policial, condenada pela história, execrada do povo português; e cujos agentes e responsáveis continuam passíveis - por tal facto - de incriminação em termos constitucionais (art. 298.)"

Idem
"Público"
16 Mai, 92



COMEMORAÇÕES POPULARES

INTERVENÇÃO DO VOGAL DA DIRECCAO FISHER L. PIRES NO ROSSIO

Meus Amigos

Fala-vos um Capitão de Abril. Um homem cansado, algo desiludido mas que, apesar de tudo, continua teimosamente a acreditar nos ideais da Revolução dos Cravos.

E, ao olhar a multidão que se encontra nesta praca, sou levado a concluir que a teimosia não é só minha, que muitos portugueses, a maioria dos portugueses, continua também a acreditar.

Por isso nos reunimos . Por isso descemos a avenida da nossa Liberdade. Por isso comemoramos o 25 deAbril proclamando bem alto que em Portugal não mais haverá ditadura.

E não será uma possível alteração do calendário dos feriados, feita numa óptica exclusivamente economicista e desprezando o significado político e histórico das datas, que nos fará desmo-

A História é construída e escrita pelo povo e não é um qualquer Governo, por mais forte que seja a sua maioria, que a pode alterar. Por isso, perante essas manobras e provocações, a nossa resposta só pode ser uma: 25 de Abril sempre!

Mas comemorar o 25 de Abril não se deve reduzir à participação anual num desfile e a uns discursos. Ele tem de ser sentido e vivido durante todo o ano.

Cada um de nós (com a família, com os colegas de trabalho, com os amigos) tem de ser um exemplo permanente de integridade, de dignidade, de tolerância, de colaboração, de solidariedade, de

Cada um de nós tem de estar bem consciente de que é uma peça essencial para a construção de um Porrtugal renovado, de que o contributo individual é indispensável para a edificação de um futuro que a todos pertencerá.

Metamos a mão na consciência: Terá sido assim que sempre nos comportámos? Aceitemos com humildade a resposta que obtivermos a esta questão e procuremos decididamente corrigir os nossos erros.

É necessário que, sem abdicar das nossas opiniões, saibamos ultrapassar

O desfile popular comemorativo do 25 de Abril terminou com um comício no Rossio, que teve como único orador o representante da A25A. Foi o tenentecoronel Fisher Lopes Pires, destacado elemento do 25 de Abril desde as primeiras horas, presente no posto de comando da Pontinha e actual membro da Direcção da Associação. Eis o texto integral do seu discurso.

> as nossas divergências. Não podemos esquecer que, para além do que eventualmente nos separe, há algo de indestrutível que nos une e constitui um património comum que não devemos eliminar: 0 25 de Abril. Essa tem de ser a base da nossa unidade.

> É, também, indispensável que os portugueses acordem e sacudam a apatia que os tem dominado. Temos de recriar a esperança e lutar convictamente para a transformar em certeza

> Comemorar o 25 de Abril é, ainda, recordar comovidamente as mulheres e os homens que, ao longo dos anos, batalharam e sofreram para instaurar a Democracia e a Liberdade e que já partiram deste mundo

> Evocámos, há pouco, o Tenente-Coronel Salgueiro Maia, exemplo impar de frontalidade, de coragem, de dignidade, de coerência, de humildade. Mas não podemos esquecer outro vulto que, no decurso deste último ano, nos deixou também: O Dr. Vasco da Gama Fernandes, velho lutador pela Liberdade, notável figura dos tempos de opressão contra a qual se bateu corajosamente e sem desfalecimento.

> Curvemo-nos respeitosamente perante a memória destes dois homens. englobemos nessa homenagem todos os já desaparecidos e procuremos seguir o seu exemplo de idealismo, de desprendimento, de verdadeiros democratas.

> A Associação 25 de Abril e os portugueses não os esquecerão!

> Ao longo destes dezoito anos decorridos sobre o soar libertador dos acordes de "Grândola, Vila Morena" tenho perguntado muitas vezes a mim próprio porque razão determinados Partidos políticos nunca se associaram às comemorações populares do 25 de Abril . Será que se terão esquecido de que devem a sua existência precisamente à

Revolução? Será que, para eles, a Democracia e a Liberdade têm uma amplitude e um significado extremamente reduzidos? Será por serem contra o 25 de Abril? Será, em resumo, por serem de Direita?

Mas no 25 de Abril cabem todos os Partidos democráticos. cabem todos os portugueses que assumam frontalmente a preocupação pela dignidade humana, a procura de uma vida melhor para todos, o desejo de uma sociedade mais justa e equilibrada, a defesa

intransigente da solidariedade, a participação de todos no delinear do futuro. Eram esses, afinal, os objectivos do 25 de Abril

E o que vemos ao olhar para o país? A riqueza continua a ser distribuída de forma desigual, alargando-se o fosso que separa os ricos dos pobres. Os ricos são cada vez mais ricos, os pobres cada vez mais pobres e em maior número. Mas isso, para alguns, talvez não interesse. As manchas de pobreza, que se mantêm e alastram, serão uma fantasia sem significado.

Assiste-se ao florescimento do compadrio e da corrupção. Cada um procura safar-se da melhor maneira possível. A competição desenfreada domina a vida nacional e todos os meios são justificados pelos fins a atingir.

O respeito pela dignidade humana, o espírito de entre-ajuda, a disponibilidade para sentir e viver as dificuldades e os problemas alheios, tudo isso é posto de lado.

A pouco e pouco a sociedade transformou-se numa gigantesca máquina trituradora alimentada pela ambição do poder pessoal ou de grupo, pela ganância, pelo desejo do lucro fácil e a qualquer preço.

E, para tal, tanto podem ser escandalosamente utilizados os Fundos comunitários como quaisquer outros instrumentos.

Dizem que é a chamada livre concor-

A taxa de desemprego, ao que consta, é a mais baixa da Comunidade Europeia. Mas, talvez para compensar, a instabilidade no emprego, a quantidade de contratos laborais a termo certo ou incerto, o número de acidentes de trabalho atingem os valores mais eleva-

Apesar disso a produtividade tem

aumentado, tal como aumenta a parte do rendimento atribuída ao ĉapital e diminui cada vez mais a que cabe ao trabalho, atingindo uma percentagem que é das menores, se não mesmo a menor. de toda a Eurosa

Os direitos e liberdades dos trabalhadores vão sendo progressivamente reduzidos a pretexto de um liberalismo de uma só face.

Chamam a isto harmonia e justiça social.

Não se intervem com decisão na reforma da Política Agricola Comum, que pode condenar a nossa agricultura a um baixo nível tecnológico se não for considerada a sua especificidade e se a sua reconversão não se fasear com equilibrio.

Entendem que a crise agrícola de que o recentemente ocorrido no Alentejo é apenas mais um amargo e doloroso exemplo, se resolve não com a reestruturação agrária mas com a criação de coutadas de caça e com festinhas em vacas.

A estrutura produtiva de Portugal vaise modernizando a ritmo acelerado, tão acelerado que quase já não existe qualquer empresa importante que não esteja dominada, directa ou indirectamente, pelo capital estrangeiro que, assim, passa a controlar o nosso crescimento económico.

A situação nos têxteis é tão delicada que a única hipótese encontrada para a resolver foi a elaboração de legislação que facilita e acelera as falências.

E não se esqueça que, quando no Parlamento Europeu foi chamada a atencão para o problema e para a necessidade imperiosa de conjugar esforços por forma a evitar ou atenuar a derrocada, tal foi considerado criminoso e antinatriótico.

Caminhamos afoitamente para um modelo periférico de desenvolvimento baseado em baixos salários e diminuta especialização produtiva.

Ös jovens, nos quais repousa o futuro, têm o cartão jovem mas não dispõem de escolas e de professores em quantidade suficiente, de um ensino racional que (simultâneamente com o desenvolvimento intelectual e a formação como cidadãos) os prepare para enfrentar a vida real.

Têm um falso combate ao insucesso escolar, têm a PGA mas não dispõem de garantias de acesso ao ensino superior, de razoáveis possibilidades de emprego, de formação profissional adequada, de crédito à habitação que permita o casa-



mento

A investigação e a cultura continuam a ser consideradas factores secundários, sendo dotadas com as mais baixas percentagens orçamentais de toda a Comunidade Europeia.

E, como se tal não bastasse, os investigadores têm de suspender os seus trabalhos por falta de verbas, Fecham-se organismos de natureza cultural ou científica, aplica-se o IVA a todas as publicações, possívelmente talvez se pense em privatizar o Teatro Nacional de S. Carlos.

A indispensável regionalização, embora prevista na Constituição, não avança para que o poder central não perca a sua força, a lei das finanças locais não é confessadamente cumprida, as autarquias deparam com os maiores obstáculos na concretização dos seus objectivos e há tendência para Ihes aumentar as responsabilidades e Ihes reduzir os meios.

Procura-se alterar as regras eleitorais por forma a criar falsas maiorias e a eliminar os pequenos Partidos.

Dizem que isto é estabilidade política. As privatizações avançam de forma desordenada e, pelo menos, pouco transparente e muito duvidosa, permitindo a reconstituição dos grandes impérios económicos. Tudo é privatizado, mesmo que seja essencial para os superiores interesses da Nação. Acima deles estão as leis do mercado livre, o oportunismo das influências.

Por que não privatizar também o Governo?

Estamos orgulhosamente na Europa, com uma inflaçção que nunca mais desce para os 6% há anos prometidos e que continua a ser o dobro da média dos países da Comunidade. Temos um deficit externo que atinge valores astronó-

Estamos ao nível europeu no que respeita a obrigações mas não no que se refere a direitos, a desenvolvimento, a ensino especial para deficientes, a mortalidade infantil, a segurança social, aprotecção na velhice, a assistência sanitária.

Será que nos nossos parceiros europeus também a compraticipação do Estado na compra de medicamentos é cada vez menor e se paga taxa moderadora quando se vai à urgência de um hospital?

Chamam a isto menos Estado e melhor Estado.

A nossa diplomacia actua tão eficazmente que, perante o doloroso e trágico problema de Timor, não consegue (ou não quer...) desmascarar o cinismo interesseiro de diversas potências ditas nossas amigas e aliadas para as quais os direitos humanos só são importantes quando o fluxo de petróleo pode enfraquecer e colocar em causa as suas economias mas deixam de ter qualquer interesse e significado quando o precioso líquido está nas mãos de amigos atentos, veneradores e obrigados.

Para esses países o terrorismo só é preocupante quando atinge instalações terrestres ou aviões que sejam seus. O terrorismo de Estado já é aceitável se for praticado pelos seus comparsas. Assim, bastou uma semana de passeio do Sr. Ali Alatas para anular o que eventualmente tinha sido feito em defesa da causa timorense, para que o cheiro a sangue do massacre de 12 de Novembro fosse rápidamente e convenientemente disfarçado com aromas petroliferos.

A isto chamo eu hipocrisia política.

Por isso creio traduzir o sentimento comum de todos nós ao reafirmar a nossa total solidariedade com a luta heróica do Povo Maubere em busca da sua Liberdade e do seu inalienável direito à autodeterminação.

Este é o país que possuimos. Este, o balanço de uma Democracia de sucesso dezoito anos depois do 25 de Abril. Terá valido a pena?

Nós os Capitães de Abril, pensamos sinceramente que sim, que valeu a pena.

Apesar dos erros que cometemos e dos quais assumimos frontalmente a responsabilidade, Portugal mudou muito e essa mudança a todos benefici-

Foi possível terminar a guerra colonial e travar o seu cortejo trágico de 8.802 mortos e dezenas de milhar de estropiados portugueses.

Através de uma descolonização que não correspondeu ao que desejávamos mas que se tornou a única viável face ao atraso de muitos anos com que foi feita e às ingerências do bloco de leste e do bloco ocidental, foi possível assistir ao nascimento de novos Países de Lingua Oficial Portuguesa aos quais nos prendem profundas ligações históricas e de solidariedade.

Foi possível cumprir a nossa promessa e em 25 de Abril de 1975 terem lugar eleicões livres para a Assembleia Constituinte.

Foi possível ter-se uma Constituicão democrática e entregarmos voluntáriamente o poder aos civis, o que aconteceu pela primeira vez na história do mundo.

Foi possível retirarmo-nos para os quartéis com a consciência tranquila por havermos cumprido o nosso dever.

Por isso consideramos, não obstante tudo o que foi apontado, que o 25 de Abril valeu a pena.

Mas, com surpresa nossa, foi também possível, ao longo destes dezoito anos, sermos alvo de perseguições, de marginalizações, de vexames.

As nossas carreiras militares foram cortadas no seu percurso normal, como se fóssemos criminosos, e talvez não seja por acaso que muitos Capitãos de Abril, hoje Tenentes-Coronéis e Coronéis, se véem confrontados e surpreendidos com a passagem à reserva ou à reforma compulsiva. Os militares em geral estão a ser tratados de forma acintosa, provocadora e como cidadãos de segunda.

Não queríamos honrarias e regimes de excepção. Mas esperávamos o respeito e um pouco de gratidão por parte do poder. Tal não aconteceu e a marginalização mantém-se implacável. Tudo isto aceitamos com tranquilida-

de e paz de espírito.

Mas repudiamos veementemente que, como se verificou há pouco, enquanto vivos sejamos considerados um perigo e depois de mortos o oportunismo nos

procure transformar em heróis.
Por exemplo, onde estavam alguns
dos contristados políticos e chefes militares de agora que não ergueram a voz
quando Salgueiro Maia foi afastado do
comando de tropas e transferido para os
Açores, depois colocado na chefía de

uma secretaria ou no comando de um presídio militar? A hipocrisia, connosco não colhe!

Apesar de tudo, aqui estamos. Não numa romagem de saudade mas para, em conjunto convosco, reafirmar que de preciso teimar, que o 25 de Abril como movimento libertador do homem e da sociedade - é um processo inacabado e todos temos obrigação de o prosseguir com coragem e determinação.

Os nossos filhos e netos julgar-nos-ão pelo que fizermos. Vamos decididamente em frente, vamos continuar.

Viva o 25 de Abril!

Viva Portugal!

MENSAGEM DA A25A EVOCATIVA DO XVIII ANIVERSÁRIO

Grândola, Vila Morena...

Parece que foi ontem e, todavia, já dezoito anos são decorridos. Um longo e árduo caminho semeado de esperanças e de desilusões...

Ao arrancarem nessa madrugada inesquecível, os Capitães de Abril tinham um objectivo básico: Mudar Portugal, E, na verdade, muito foi já modificado.

Restaurou-se a Liberdade, terminou a guerra colonial, surgiram novos países de língua oficial portuguesa, instaurou-se um regime democrático e de direito, as eleições são livres, o poder autárqui-co é uma realidade.

Todavia... Sim, todavia muito há ainda para fazer. E haverá sempre, pois o 25 de Abril é um processo continuo de aperfeiçoamento e de evolução permanente.

É indispensável que cada vez mais se dignifique a pessoa humana.

E indispensável que o desenvolvimento seja não um mero crescimento económico mas um todo harmónico e equilibrado, visando não só a melhoria das condições de vida e a produção de riqueza mas enquadrando também os aspectos social, cultural, histórico e

É indispensável que os portugueses acordem e sacudam a apatia que os tem dominado, se empenhem decididamente na edificação de um novo Portugal.

É indispensável que, independentemente das suas opções políticas, cada português sinta o 25 de Abril como ponto de partida para um futuro a construir por todos em comum.

Por isso, comemorar o 25 de Abril é muito mais do que recordar momentos que, na verdade, são inesquecíveis.

É fazer uma profissão de fé na democracia e na Liberdade.

É enfrentar, com coragem e firmeza, aqueles que procuram lançar no esquecimento a Revolução dos Cravos.

É reafirmar um conjunto de valores do passado com os quais se tem de construir o futuro.

É recriar a esperança e lutar convictamente para a transformar numa certeza.

É proclamar bem alto o desejo de um país mais justo em que cada um se sinta perfeitamente realizado e integrado.

Estes são os nossos anseios, as nossas preocupações. Por isso, ao comemorirem-se dezoito anos sobre a madrugada que mudou o destino do nosso povo, a Associação 25 deAbril sauda cordialmente todos os democratas e, recordando-lhes o significado desta data, espera que continuem decididamente empenhados na tarefa comum de construir um Portugal renovado, um Portugal onde todos caibamos e sejamos solidários e felizes.

Viva o 25 de Abril!

Viva Portugal!

TORONTO-CANADÁ

Mais uma vez um significativo número de emigrantes em Toronto se reuniu para comemorar o 25 de Abril. Fizeram-no em dois jantares-comvivio, um no "First Portuguese Cultural Center", a que se seguiu o "Baile do Cravo" e outro na Casa do Alentejo. Em ambos estiveram presentes numero-sos sócios e apoiantes da A25A e na Casa do Alentejo, a convite dos organizadores, esteve o general Vasco Gonçalves, esposa D. Alda Gonçalves.

HOMENAGEM AO MARECHAL COSTA GOMES

DISCURSO DE COSTA GOMES

Sinto-me profundamente comovido e emocionado com a manifestação que os meus amigos, camaradas e consócios da Associação 25 de Abril quiseram prestar a um dos seus associados fundadores.

Igualmente desejo estender esta emoc,ão a V. Exas. representantes do Corpo Diplomático minhas senhoras e meus senhores, que com a vossa presença manifestam a vossa solidariedade e apoio, confirmando a ideia que os objectivos do programa do Movimento das Forças Armadas continham em si os germes necessários para

operar uma profunda transformação no nosso país, estabelecendo uma democracia pruralista que tem como simbolo mais representativo a liberdade e o aparecimento de novos países de expressão portuguesa, a que hoje nos ligam laços de profunda amizade.

Conseguiu-se também o desenvolvimento das potencialidades políticas, económicas e sociais que nos permitiu entrar como membro de pleno direito nas Comunidades Europeias, o que até hoje nos proporcionou a aquisição de beneficios económicos, sociais, educacionais, técnicos e científicos que espero prossigam e que nos permitirá atingir, em tempo médio, os países da vanguarda desta organização.

Meus queridos amigos:

Todos os que me conhecem sabem que por educação, formação e ética sou contrário a homenagens pessoais.

Por isso, sustentei sempre a opinião que as promoções, louvores, condecorações e insignias com que as autoridades competentes nos distinguem, devem aceitar-se com humildade, formulando o firme propósito de melhorar a nossa actuação, mas não se agradecem.

Abro neste caso uma excepção que muito me desvanece por me permitir confirmar a minha completa adesão ao ideário do 25 de Abril que hoje atinge a sua maioridade.

Os dois anos revolucionários, o

No tradicional almoço-convívio que a A25A promove em comemoração do 25 de Abril, que este ano teve lugar no Pavilhão Carlos Lopes, destacou-se a homenagem que a Associação quis prestar ao Marechal Costa Gomes, oferecendo-lhe o bastão de marechal. O Presidente da República não quis atender a sugestão da direcção, fazendo ele a entrega simbólica do bastão, tal como fizera com o Marechal Spínola. Não aceitando a discriminação decidimos ser nós a prestar, ao Marechal Costa Gomes, a homenagem a que tinha direito. Dada a importância dos discursos na ocasião produzidos pela próprio marechal e pelo presidente da A25A, aqui os reproduzimos na íntegra.

> PREC como lhe chamam, em que tivemos a responsabilidade de governar e executar o programa do Movimento das Forças Armadas, foram muito dificeis. Requereram da nossa parte um esforço permanente para neutralizar ou afastar os arrivistas, saudosistas, ambiciosos e fantasistas, que, infiltrados no Movimento das Forças Armadas ou nos

nas comemorações do 25 de Abril após o desaparecimento do Tenente-Coronel Salgueiro Maia.

Tenho a certeza que se vivesse e a sua saúde lhe permitisse estaria neste dia connosco, a pugnarcom transparência, modéstia,
inteligência e coragem os principios que sempre o nortearam, o
simbolo do cidadão que é capaz
de se bater para dar aos seus concidadãos os bens morais e éticos
essenciais a todo o ser humano
esquecendo-se sempre de si próprio.

Salgueiro Maia com o Tenente-Coronel Garcia dos Santos e o Major Otelo Saraiva de Carvalho foram em três áreas distintas os principais heróis da acção militar

que inicialmente e com acentuada inferioridade de meios conseguiram uma vitória que se tornou paradigma no Mundo onde se dão acontecimentos semelhantes ao 25 de Abril, golpes de Estado que se transformam rápidamente em revoluções sem disparar um tiro, utilizando a razão, a eficiência, o diálogo e a inteligência para desarmar o ini-



Partidos políticos em formação, quiseram derrubar a democracia ainda débilmente implantada, impedir a descolonização ou efectuá-la de uma forma unilateral que, se posta em execução, em qualquer parcela Ultramarina em que existia guerra, conduziria o país a uma derrocada total.

É a primeira vez que nos encontramos

migo e levá-lo à capitulação, sem condições.

Salgueiro Maia era como já afirmei, um homem simples, transparente e modesto, que recusou sistemáticamente todas as honrarias, sofrendo por isso com resignação as desconsiderações que políticos e militares lhe infligiram.

Salgueiro Maia procedeu sempre por

idealismo afirmando frequentemente que o 25 de Abril era irreversível.

Nos últimos tempos da sua vida pediu a todos que participaram e aderiram ao Movimento das Forças Armadas para revelarem tudo quanto conheciam para um correcto conhecimento dos acontecimentos então vividos. Disso deu exemplo ao confiar a gravação das suas memórias ao Centro Documentação 25 de Abril em Coimbra.

Fiel ao pedido do Tenente Coronel Salgueiro Maia vou relatar-vos um pouco do que me está a suceder num processo em que me encontro envolvido, em que o 25 de Abril e a Descolonização têm sido questionados e em especial o meu relacionamento com o Marechal Spínola.

É tempo de se fazer História.

São conhecidos alguns acontecimentos referenciais no comportamento do Marechal Spinola e que o levaram a abdicar no dia 30 de Setembro apesar de ter sido várias vezes instado para o não fazer: a reunião na Manutenção Militar em 13 de Junho, a tourada no Campo Pequeno organizada pela Liga dos Combatentes da Grande Guerra e a malograda manifestação da maioria silenciosa.

Todos ficaram siderados com o teor da mensagem de renúncia. Desconheço as causas profundas que o levaram a abdicar mas não tenho quaisquer dúvidas que um presidente que abandona o seu povo quando afirma que está generalizada a anarquia e que a crise e o caos são inevitáveis, comete uma deserção que o povo jamais lhe perdoará.

Desde 30 de Setembro a 11 de Março estive com o Marechal Spínola duas vezes.

A primeira a um convite que me fez para almoçar. Durante todo o tempo achei-o muito perturbado, nervoso, confuso. Aconselhei-o a ir passar uns tempos fora, num país calmo como a Suiça, oferecendo-lhe dois passaportes diplomáticos para si e sua mulher que prontamente lhe enviei.

A segunda vez fui eu que o convidei para almoçar em Belém, em resposta a uma carta que me escreveu no dia 6 de Fevereiro de 1975 em que no final me dizia: "Julgo chegado o momento de pôr a nossa velha amizade ao serviço de Portugal e seria do maior interesse falarmos sem especulações publicitárias. Al na Presidência ou no Forte, tu dirás". Depois do almoço tivemos uma

longa conversa onde foram abordados diversos assuntos mas o problema que mais o interessava era saber se eu concorreria às próximas eleições presidenciais. Respondi-lhe imediatamente que não. A seguir perguntou-me se eu me importava que ele fosse candidato. Também Ihe respondi que não mas que achava que no tempo que mediava até às eleições deveria fazer vida mais discreta e recatada, evitando o corropio de pessoas, civis e militares, que constantemente o procurayam em Massamá. Agradeceu os meus conselhos e prometeu-me solenemente não se imiscuir em quaisquer assuntos políticos até às próximas eleicões.

Apesar dos boatos que circulavam sobre hipotéticas revoluções e que me pareciam inverosimeis, só tive conhecimento da intentona do 11 de Março quando o Chefe do Estado Maior do Exército General Carlos Fabião e o CEMFA, General Mendes Dias entraram no meu gabinete e me puseram a par da situação que se desenvolava em Tancos.

Já pertence à história que o golpe foi mal concebido, organizado e comandado, resultando num fracasso total. O Marechal Spínola não encontrou outra solução se não a de fugir de helicoptero para Espanha acompanhado pela esposa e alguns oficiais.

Vários países levantaram dificuldades em abrigar o Marechal Spínola e o seu Estado Maior nos seus territórios e por isso deambulou pela França, Suiça, e Brasil, voltando a Espanha onde ainda era Chefe de Estado o General Franco.

Em Madrid fundou o Movimento Democrático para a Libertação de Portugal (MDLP).

Na sua passagem pelo deserto o Marechal Spinola cometeu uma série de erros graves e ridículos. Caiu infantimente na armadilha preparada pelo jornalista Gunter Wallraf, dando origem a um livro "A descoberta de uma conspiração em Portugal Acção Spinola".

O Marechal Spinola foi então proibido de circular em alguns países europeus.

O MDLP teve uma acção de muito pouco relevo sem qualquer influência que mereça destaque. A única excepção a esta inacção consistiu na concepcão, implantação e estruturação do plano Maria da Fonte que foi gizado por Paradela de Abreu editor do livro "Portugal e o futuro", o Major Sanches Osório e o Engenheiro Jorge Jardim.

Foi um plano bem imaginado que necessitava do aval da Igreja Católica para poder ser implantado, organizado e dinamizado.

Paradela de Abreu foi o portador de uma carta do Engenheiro Jorge Jardim para o Arcebispo de Braga, D. Francisco Alves, que era simultâneamente uma credencial e um apelo.

D. Francisco aceitou e encarregou o cónego Melo que conhecia bem a diocese e o norte do país para o assistir.

Inicialmente o movimento abrangia apenas as dioceses ao norte do Douro. Conseguiu mais tarde as dioceses de Leiria e Guarda.

Paradela de Abreu tentou vender a imagem do Marechal Spínola, presidente e chefe do MDLP, para comandar a operação, "só que ninguém o aceitava. Ninguém".

O Marechal Spinola indicou o Comandante Alpoim Calvão para essa missão. O Comandante falhou como já tinha falhado em Conakry. Mais tarde enviou mais alguns oficiais para dinamizar e comandar certos sectores onde se desenrolava o plano Maria da Fonte. Esses oficiais não estavam mentalizados e preparados para acções deste tipo e alguns foram presos quando se efectuou o cerco ao Seminário de Santiago em Braga.

Ainda bem que o plano não conseguiu ser activado pois caso contrário não evitaríamos a guerra civil.

Em matéria de descolonização tenho a declarar-vos o seguinte:

- Não tive até 30 de Setembro qualquer acção activa na descolonização de Moçambique, a não ser ter votado com a Junta de Salvação Nacional o afastamento de Engenheiro Jorge Jardim, que conspirava contra o processo de descolonização já iniciado, designadamente procurando apoios de potenciais estrangeiros à revelia e contra o poder instituido.

O principal responsável pela descolonização era naturalmente o Marechal Spínola.

Não tive qualquer interferência na escolha dos membros da parte portuguesa na descolonização da Guiné, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe e Moçambique e desconheço as directivas que foram dadas a essas comissões.

 Não tive conhecimento da conferência do Marechal Spínola com o Presidente Nixon em Angra do Heroísmo, que teve como único intér-prete o General Walteres, apesar de ter seguido na comitiva o Ministro Sá Carneiro, que falava bem inglês.

 Também não sei quem acompanhou o Marechal Spínola ao Sal, na conferência que aí se realizou com o Presidente Mobutu e se alguém da comitiva portuguesa assistiu a essa conferência.

O Engenheiro Jorge jardim, falecido há anos pôs um processo em tribunal, ao Estado e a mim, por ter assinado um mandato de captura contra ele.

Desde já declaro a quota parte de responsabilidade que tive nessa actuação.

De facto concordei com a Junta de Salvação Nacional na necessidade de impedir por todos os meios, que o Engenheiro Jorge Jardim interviesse directa ou indirectamente na descolonização de Moçambique, dada a gravidade do seu comportamento já referido.

O Engenheiro Jorge Jardim tinha uma enorme influència em Moçambique sobretudo devido às estreitas ligações que mantinha com chefes do governo do antigo regime, Professor Doutor Oliveira Salazar e Professor Doutor Marcelo Caetano que geralmente o recebiam logo que chegava a Lisboa.

Ora, no meu regresso de Moçambique onde me desloquei por incumbência da Junta de Salvação Nacional, na companhia do General Diogo Neto, transmiti ao Marechal Spinola a inconveniência da presença do Engenheiro Jardim em Moçambique, facto que determinou que na entrevista havida no dia 15 de Maio, o Marechal Spinola tivesse pedido ao Engenheiro Jardim para cancelar a visita que tinha projectado a Moçambique, Malawi e Zâmbia.

Entretanto, na sequência dessa entrevista o Engenheiro Jardim refugiou-se na Embaixada do Malawi com grande aparato, frustrando assim o pedido do então Presidente da República.

O Marechal Spínola diz hoje que não tem ideia de ter recebido a informação do General Diogo Neto de que o Engenheiro Jardim, refugiado que estava na Embaixada do Malawi, não se entregaria e estava disposto a resistir.

Este facto, da maior relevância para a compreensão dos acontecimentos é surpreendentemente esquecido pelo Marechal Spínola.

O Engenheiro Jorge Jardim fugiu da Embaixada do Malawi em 13 de Junho. Durante os meses de Julho a Setembro deslocou-se por todas as fronteiras dos países limitrofes de Moçambique. Teve várias entrevistas com portugueses ou moçambicanos residentes no norte e centro, no Malawi e na Zâmbia e depois no sul, na Suazilândia e África do Sul.

Em 24 de Julho de 1974 o Ministro dos Negócios Estrangeiros enviou uma nota diplomática muito dura ao Ministro dos Negócios Estrangeiros do Malawi em que no número três dizia: "Entende, no entanto o Governo Português, que a atitude assumida pelo Governo do Malawi em relação ao Engenheiro Jorge Jardim constitui ostensivo propósito de criar graves obstáculos à política de descolonização", e no número cinco retira todos os diplomatas do Malawi o que o levou ao corte de relações diolomáticas.

O Engenheiro Jorge Jardim critica esta nota dizendo que seria suficiente para liquidar diplomática e políticamente o Doutor Mário Soares.

O Depoimento do Marechal Spínola no processo em que estou envolvido, denota uma amnésia grave e ao mesmo tempo um delírio de afirmações que não abonam o seu estado ético e mental

Estabelece um introito a que denomina "antecedentes", contrariando a posição que assumiu em 1974 em relação
ao Engenheiro Jorge Jardim e ao processo de descolonização e vem agora
afirmar que considera o Engenheiro
Jorge Jardim um elemento chave no
processo de descolonização em início,
pelo prestígio que gozava na África
Meridional e a sua indiscutivel dedicacão a Portugal e Mocambique.

Isto só se compreende através de cumplicidades entretanto criadas.

Sendo assim porque o impediu de voltar a Moçambique e não o nomeou membro efectivo da comissão portuguesa que negociou o processo de descolonização daquela província?

Compreendo que o conceito que temos relativamente às pessoas possa mudar

Não é impunemente que se adere a um movimento cinzento, sediado no estrangeiro e se torna co-autor do único plano com imaginação, organização e estrutura capaz de derrubar o Governo do seu país, principal finalidade do MDLP.

O que não podemos é deixar de assu-

mir as nossas responsabilidades nas diferentes fases da vida em que fomos responsáveis.

Áinda nos antecedentes, o Marechal Spínola afirma que havia uma facção política que dominava a revolução de Abril que apenas tinha em vista e só entregar o Ultramar português aos soviéticos. Além de ser uma afirmação ofensiva, gratuita e grave não foi essa facção, se existiu, que dirigiu a descolonização e que nomeou a comissão que participou no acordo de Lusaka mas sim o Marechal Spínola.

O Marechal Spínola sabe que seria impossível obter o cessar fogo em Moçambique com uma comissão em que estivesse o Engenheiro Jardim.

Ainda no depoimento, o Marechal Spinola esqueceu-se de datas fundamentais como a entrevista que teve com o Engenheiro Jardim e a que assisti em 15 de Maio de 1974, em que afirma ingénuamente, mas revelando uma total irresponsabilidade, que não era sua intenção afastar o Engenheiro Jardim do processo de descolonização de Moçambique.

Ao longo da minha vida como militar e político, adoptei sempre o velho principio de assumir a responsabilidade do que fazem ou não fazem os meus subordinados. Considero ser isso aquilo que define os chefes.

Marechal Spínola tenho sinceramente que Ihe declarar que o seu livro "Portugal e o futuro" que abalizei, ajudou a criar o ambiente nacional propício à Revolução do 25 de Abril.

Não posso porém deixar de Ihe dizer senhor Marechal que nunca esteve de alma e coração com o Movimento das Forças Armadas e o seu programa e foi o seu mais perigoso detractor.

A renúncia ao posto mais elevado da nação que Ihe ofereci em bandeja de prata o abandono do seu povo e dos seus camaradas nos momentos iniciais e mais críticos da Revolução, a sua acção no 11 de Março e o seu comportamento no estrangeiro são no mínimo deploráveis e atrasaram o desenvolvimento social, econômico e político do país, não só durante o período revolucionário como nos primeiros governos constitucionais.

Felizmente vencemos as sucessivas crises e hoje Portugal saiu definitivamente da área dos países em desenvolvimento do terceiro mundo, para, com a entrada nas Comunidades Europeias, estar a caminhar rapidamente e a colocar-se junto dos países europeus mais desenvolvidos.

Os ataques ao 25 de Abril e a descolonização têm vindo a realizar-se com mais ou menos intensidade nos últimos 18 anos.

A propósito duma decisão do Conselho de Ministros que criou um Gabinete de Apoio aos Espoliados do Ultramar, a locutora do "Jornal das 13.00", do passado dia 16, D. Fátima Matos Lima, fez um ataque cerrado à descolonização, comparando-a a um violento terramoto e afirmando que podiamos ter aprendido alguma coisa com as descolonizações da Inglaterra, França e Holanda.

Não sei se é a locutora que estuda e faz as notícias que difunde ou se apenas se limita a ler o trabalho do Departamento de Informações da RTP.

Os assuntos desta importância, que já hoje constituem marcos irreversíveis da nossa história, não podem ser difundidos com tanta superficialidade.

Não tive qualquer influência no processo de descolonização do nosso Ultramar, até à data em que tomei posse de Presidente da República, em 30 de Setembro de 1974, com uma única excepção, a de ter vetado a interferência do Engenheiro Jorge Jardim no processo de descolonização de Moçambique.

Posso, por isso, com isenção afirmar que o processo de descolonização português foi o melhor que se poderia fazer nas dificeis condicões em que foi realizado, após uma guerra prolongada e, por vezes cruel, que durou entre dez a treze anos. Se o compararmos com os dos outros países do Continente Europeu, Reino Unido, França, Bélgica, Itália e Holanda, verificamos que foi o menos traumatizante, o que nos permitiu, muito rapidamente estabelecer relações amistosas com todos os países africanos de expressão portuguesa.

O relacionamento com os novos países desenvolve-se numa cooperação e ajuda em todos os sectores, que podem considerar-se exemplares.

Gostaria que o Departamento de Informações da RTP dissesse ao povo português quais as modalidades de descolonização que poderíamos ter seguido na situação em que nos encontrávamos.

Se não fosse a presença das Forças Armadas Portuguesas não haveria a possibilidade de evacuar todos os que optaram por regressar a Portugal. Não teria sido possível efectuar a ponte aérea Luanda-Lisboa e talvez hoje tivéssemos que lamentar não nos termos decidido a realizar a tempo a descolonização possível.

Para terminar gostaria de declarar que estou completamente de acordo com a criação do Gabinete de Apoio aos Espoliados, o que certamente irá corrigir ou minimizar as injustiças materiais que alguns sofreram, mas que são comuns a todas as roturas revolucionárias.

Devo ao 25 de Abril ter podido realizar os meus sonhos de criança contribuindo para dar ao meu povo, liberdade e as condições para mais instrução, educacão, cultura e desenvolvimento social.

Todos estes objectivos têm vindo a ser atingidos com maior ou menor rapidez e, por isso, agradeço aos Capitães que levaram a cabo o 25 de Abril, as possibilidades de realização que me proporcionaram.

Igualmente desejo, mais uma vez, agradecer a V. Ex.^{aS.}, minhas senhoras e meus senhores, a gentileza, compreensão e amizade de quererem estar hoje presentes nesta homenagem que nunca mais esquecerei.

Bem hajam

Muito obrigado

Viva o 25 de Abril

DISCURSO DE VASCO LOURENÇO

Senhor Marechal Costa Gomes

Permita-me, em primeiro lugar, lhe transmita um abraço de muitos e muitos companheiros e amigos que gostariam de estar aqui e nos manifestaram esse desejo e a vontade em lhe fazer sentir a sua mágoa pela ausência na homenagem que todos consideram justa, mercida e tardia. Seja em telefonemas ou cartas, as manifestacões têm sido imensas. Delas lhe faremos entrega bem como dos apoios que estão a ser recolhidos durante esta cerimónia.

Permita-me, no entanto, senhor marechal Costa Gomes que Ihe transmita um abraço de um companheiro que hoje aqui estaria a dar-Iho pessoalmente, se o destino cruel e injusto não o tivesse levado definitivamente para bem longe de nós. Longe, fisicamente, que não em espírito, pois aí ele estará permanentemente connosco. E estou a transmitir-lhe esse abraco, não apenas como resultado do conhecimento profundo que tinha do Salgueiro Maia, mas também e fundamentalmente porque tinha falado com ele sobre a nossa decisão em Ihe oferecer o bastão, recebendo da sua parte todo o apoio entusiástico que era seu apanágio, mesmo nos últimos tempos da sua vida. Acresce que a direcção da A25A tinha decidido que seria o Salgueiro Maia a entregar-lhe pessoalmente o bastão. Era uma homenagem que queriamos prestar a um dos mais valiosos, heróicos e humildes dos Capitães de Abril, um dos melhores de nós. Homenagem que queríamos associar à que entendemos por bem prestar-lhe a si, senhor marechal Costa Gomes. Por isso, seja-me permitido, senhor marechal, evocar o "Capitão" Salgueiro Maia associando a essa evocação todos os militares e civis de Abril, que nos deixaram neste último ano. Não irei pedir um minuto de silêncio, mas peco a todos que ao cantarem a "Grândola Vila Morena", no fim da cerimónia, o facam também em homenagem a esses homens e mulheres de Abril, que rememoro nas pessoas de Salgueiro Maia, de Garrido Borges e de Vasco da Gama Fernandes.

Foi há precisamente 18 anos...

Consumámos, então, a conspiração que, com riscos e sacrificios haviamos mantido durante cerca de 9 meses e nos faia olhar com esperança, entusiasmo e orgulho a criança que lançámos neste mundo.

A liberdade, a democracia, a justiça social, a descolonização, a abertura de Portugal ao Mundo, enformaram essa criança que oferecíamos aos portugueses.

Passados dezoito anos, atingida a maioridade, continuamos orgulhosos da nossa accão e nem sequer colocamos a hipótese de não ter valido a pena.

Isto, apesar de a generalidade dos militares de Abril, que não assumiram o estatuto de arrependidos, terem vindo a sofrer na carne perseguições, marginalizacões, injustças sem nome. O facto é que a grande maioria dos militares de Abril que se mantiveram coerentes na luta pelos ideais que nos levaram à madrugada radiosa de há 18 anos, têm hoje razões de queixa perante o poder civil ou militar. E, se então nós contribulmos para recuperar o prestigio das Forças Armadas e dos militares, junto da população portuguesa, não deixa de ser sintomático, que hoje, se esteia numa situação semelhante à anterior ao 25 de Abril e as Forças Armadas estijam novamente a ser fortemente questionadas, com a agravante de o poder executivo estar a tratar os militares profissionais como auténtica carne para canhão. Com efeito, se não se discute a necessidade de uma restruturação, já e inacetiável que ela se comece sem definições fundamentais e muito menos acetiável é que ela se faça com prejuízo e sacrificio dos militares e dos seus direitos adquiridos . Tratando-os, claramente, como cidadãos de segunda, a quem são apenas exigidos deverse e se não dão os correspondentes direitos.

É tempo de aqui afirmarmos, clara e inequivocamente, que aos militares tem de ser acima de tudo dado um estatuto de cidadãos. E mais uma vez assistimos a uma atitude sobranceira do poder, que, em vez de dialogar, ameaça com represálias, assentes em leis restritivas por eles próprios elaboradas...

Ja tive oportunidade de afirmar, por diversas vezes que o problema assenta, em grande parte, em o poder não gostar de heróis vivos. Isso ficou, aliás, bem patente quando da recente morte do Salgueiro Maia, que considero um dos principais heróis da história de Portugal. Com efeito, ninguêm desconhece as diversas injustiças de que o mesmo foi alvo em vida.

E foi com natural hipocrisia e cinismo que aqueles que o marginalizaram, perseguiram e maltrataram em vida, correram ao seu funeral a prestar-lhe homenagens póstumas e derramarem lágrimas de crocodilo. Situação que ainda ficou mais patente e denunciada, quando se soube que os mesmos que haviam recusado uma pensão ao Salgueiro Maia, por feitos relevantes e extraordinários prestados à Pátria como a recusaram igualmente a outros capitães de Abril haviam deferido essa pensão a dois ex-inspectores da PIDE/DGS. Até parece que não estamos governados por um poder democrático que apenas existe porque nós fizemos o 25 de Abril. Não deixa de ser sintomático, aliás, que comece a germinar a ideia que alguns se esforcam por criar de que "afinal o 25 de Abril nem teria sido necessário e hoje estariamos na mesma situação se ele não tivesse existido". Por muito curta que seja a memória, há situações inadmissiveis com as quais não podemos pactuar.

A história não pode ser escrita ao sabor do poder conjuntural. Naquilo que nos diz respeito, não podemos aceitar que algums pretendam escrever a história segundo as suas conveniências invertendo, se necessário os reais papéis e as verdadeiras posicões que os diferentes autores e intervenientes tiveram nos acontecimentos.

Nesse âmbito, atinge foros de escândalo o que ultimamente se vem verificando com os marechais Francisco da Costa Gomes e António Spínola. Não é minha intenção analisar, em pormenor, toda a intervenção e responsabilidades que cada um teve no processo do 25 de Abril. Como, igualmente, me absterei de analisar ajustiça ou injustiça das suas promoções a marechal, bem como da coerência ou incoerência de atitudes actuais, de que é exemplo significativo o que se passa num julgamento onde tentaram, felizmente sem sucesso, incriminar o marechal Costa Gomes, mesmo que utilizando processos que apenas podem assentar em esquecimento, má fe ou covardia.

A gravidade das situações passada e presente, leva-me no entanto a não conseguir evitar um grito de revolta e desacordo com a ideia que se vem procurando instalar na opinião pública acerca dos dois marechais.

Come efeito procura apresentar se Costa Gomes como um mero aliado, ou até serventuário, de Moscovo, que procurou apenas protagonizar a colocação de Portugal na órbita dessa potência. Enquanto a Spinola o pretendem apresentar como o democrata, que sempre defendeu e lutou pela instauração de uma verdadeira democratia, plumalista, à ociden-

Nada mais falso, quer num caso, quer

Considero-me com a autoridade moral e a isenção mais que suficientes para afirmar, clara e inequivocamente, a minha total discordância com tais situações.

Sem pormenorizar, como já referi, apenas recordarei que enquanto Costa Gomes nunca teve um projecto de poder pessoal de que é marco fundamental o não ter assumido o cargo de presidente da JSN, como estava decidido pelo MFA -Spínola, pelo contrário, sempre e apenas se mobilizou e moveu por um projecto pessoal de ocupação do poder que vinha desde os tempos da Guiné, em que lançara uma bem organizada campanha de promoção pessoal, passara pela tentativa fracassada da reunião de 5 de Março de 74 em Cascais, e se continuou nas sucessivas tentativas golpistas que, com alguma insistência e coerência temos de reconhecer - foi protagonizando nos tempos que se seguiram à madrugada radiosa de Abril, sempre com o mesmo objectivo presente: a conquista do poder pessoal. Basta recordarmos o seu avanço para presidente da JSN (apesar de saber que nós havíamos escolhido Costa Gomes), o golpe Palma Carlos como ficou conhecido, o 28 de Setembro e o 11 de Março. Com a agravante de, ao falhar, ter provocado os diversos contra-golpes que nos levaram ao radicalismo esquerdista e irrealista, que se viveu em 1974/75, com as consequências nefastas que se conhecem.

É de facto preciso salientarmos mais uma vez, para que a história não seja distorcida, que enquanto Costa Gomes tudo fez para evitar a guerra civil, podendo considerar-se, com legítimo orgulho, como o principal responsável pelo sucesso obtido, Spinola tudo fez para a provocar, chegando ao extremo da utilização do bombismo e terrorismo e passando pelos diversos golpes e por um "abandono do barco", através de uma demissão catastrófica e anocaliptica.

É pois com toda a justica que recordo que Costa Gomes se mantevo sempre fiel ao programa do MFA e aos outros compromissos assumidos, tendo conduzido Portugal às primeiras celeções livres para a Assembleia Constituinte e os consequentes Orgãos de Soberania. E terminou o seu mandato com a solene transferência da sua magistratura para o seu sucessor, general Ramalho Eanes, primeiro Presidente eleito pelo povo português, depois de 1926. Spinola, pelo contrário, tudo fez para anular esse programa do MFA, que nunca aceitou pacificamente pois cele se opunha aos seus procamente pois cele se opunha aos seus pro-

jectos de poder pessoal. Por isso, não podíamos ficar indiferentes quando constatámos que mais uma injustica lhe estava a ser cometida, senhor marechal Costa Gomes. Com efeito, apesar de ele só ter sido promovido a marechal por arrastamento - recordo aqui que, face ao seu digno procedimento, Îhe fora a si senhor marechal Costa Gomes prometido e garantida a promoção a marechal pelo então grupo dos 9, através do seu futuro sucessor, Ramalho Eanes Spínola ousa lançar publicamente a ideia que não aceitara o bastão por não querer misturas consigo, senhor marechal Costa Gomes. E isso vem a servir de justificação para, com base noutra falsidade, a de que V. Exa. já o recebera, Ihe ser entregue oficialmente, a ele, o bastão pelo próprio Presidente da República.

É já conhecida a reacção da A25A e os resultados obtidos. Não podemos deixaqui e agora, de reafirmar o nosso total desacordo e a nossa condenação pelas atitudes assumidas e pela criação desta situação injusta e inaceitável.

Por isso, decidimos ser nós, A25A, a oferecer-lhe o bastão de marechal.

É com muita honra, com muita satisfação que procedemos a essa entrega.

Consideramos que praticamos um acto de justiça e decidimos fazê-lo durante as comemorações do 18.º Antiversário do 25 de Abril, que assim ficam mais dignificadas pela homenagem prestada a um militar de Abril, que se manteve e mantém permanentemente cocrente com os valores que há 18 anos nos levaram a escrever uma das mais belas páginas da nossa história.

Bem haja, senhor marechal Francisco da Costa Gomes

Viva o 25 de Abril

Viva Portugal

SANTARÉM - MONUMENTO AO 25 DE ABRIL.

Santarém, a cidade donde arrancou a coluna militar da EPC, comandada por Salgueiro Maia, à qual se rendeu Marcelo Caetano, lancou-se na iniciativa de erguer um monumento ao 25 de Abril, que pretende vir a inaugurar no XX aniversário da revolução. A ideia, nascida no jornal "O RIBATEJO", teve a imediata adesão por decisão unânime da Câmara Municipal da cidade e está a recolher o apoio popular, com cuia contribuição conta para custear as suas despesas. Para o efeito abriu no Montepio Geral da cidade a conta 12000-7, Montepio que foi, simbolicamente, o primeiro depositário com 750 contos. Começaram entretanto a somar-se as mais diversas comparticipações. Foi constituída uma Comissão Executiva, da qual fazem parte o presidente da Câmara, Miguel Noras, o administrador de "O RIBATEJO", Francisco Viegas, o historiador Jorge Custódio, o arquitecto José Augusto e, em representação da A25A, o tenente-coronel António Alberto da Palma. A A25A congratula-se com a iniciativa e louva o gesto dos seus promotores e da população de Santarém.

A COMISSÃO PARLAMENTAR DE DEFESA CONVIDA A IMPRENSA MILITAR

A Comissão Parlamentar de Defesa da AR promoveu a feliz iniciativa de reunir representantes dos orgãos da imprensa militar, num colóquio que teve lugar no passado dia 1 de Junho. O encontro foi presidido pelo Presidente da AR estando presentes diversos deputados da Comissão Parlamentar representando todos os Grupos Parlamentares. Depois do colóquio

terminado com um iantar-convívio no restaurante da Assembleia. No colóquio, depois da saudação do Presidente e de intervenções especializadas de deputados de cada um dos Grupos Parlamentares, entrou-se num debate, tendo representantes de alguns orgãos convidados exposto as suas opiniões sobre a natureza, objectivos e problemas relacionados com a imprensa

seguiu-se uma visita às mais significativas dependências da AR, tendo

O representante de O REFERENCIAL não quis deixar passar a oportunidade de ressalvar que a terminología "imprensa militar" não é a mais rigorosa, pois alguns dos orgãos ali representados – nomeadamente o próprio O REFERENCIAL – não são "imprensa militar", se bem que tenham uma ligação umbilical à instituição militar. Salientou o significado de ter sido convidado, pois nos diversos encontros já promovidos dentro da instituição militar nunca tal se verificou, se bem que sejam convidados outros que têm em relação à imprensa militar um estatuto semelhante ao de O REFE-RENCIAL. O fundo da sua intervenção focou aquilo que considera ser o "déficit" de investigação da matéria relacionada com os temas estratégicos, defesa e segurança, que deveria ser privilegiado em orgãos de imprensa militar de orientação doutrinária, "déficit" que se deve à falta de investigadores profissionalizados nos institutos a que

VICENTE DA SILVA

Prosseguimos com a publicação dos "posters" do nosso colaborador Vicente da Silva, nas páginas centrais, Depois do n.º 1 "A Infantaria prepara-se" (Lamego) 1962, que abriu a série no número anterior, segue-se hoje o n.º 2 "A cavalaria carrega" (explorando os cursos locais a fim de manter as características da arma) 1963. A arte, a ironia e a minúcia do observador atento e conhecedor, conjugam-se num trabalho que fez escola.

O OUE OS CORONÉIS GOSTARIAM DE DIZER...

C om o título supra, publicou o coronel Varela Gomes um interessante artigo no jornal "Público" de 7 de Junho passado, em que, com a sua habitual frontalidade, se debruçou sobre o candente conflito que opõe largos sectores de oficiais do

Por presumível problema de paginação, neste artigo foram omitidas duas passagens do texto original que, pela sua importância, parece oportuno

duas passagens do texto original que, pela sua importancia, parece oportuno dar a conhecer. Transcrevemos.

Escrevem os coronéis na sua carta ao PR: Nos últimos anos...as frequentes alterações das normas estatutárias fêm vindo a criar um profundo sentimento de insegurança e de desconfiança em relação ao Estado".

Frequentes intromissões - e seus reflexos - que não se limitam ao sector militar, como é sabido, Sucedem-se as re-estruturações, as re-organizações, as racionalizações, etc. em todos os sectores da administração pública e a todos os níveis. São fordadas no segredo dos gabinetes governamentais, sem directriz planificadora e coordenação visíveis, sendo o móbil mais vezes declarado o da necessidade de reduzir as despesas com o pessoal. Mas que, no essencial, se tradurem por arranjos de engenharia hurocrática, destinados a substituir chefão, a transmutar funções: em resu-no, destinados a abrir caminho a novas vagas de "coroneis" e "coronelas", amigos, filhos e afilhados do partido no ponder. ...)

(...) Apesar de tudo, apesar do "processo de apagamento a que a Instituição Millare seta a ser objecto" (carta ao PR), gostaria (esu) de poder acreditar que ainda sobra a virilidade suficiente para devolver à classe política a desonrosa insinuação de que são militares de carreira aqueles que se destacam "sentações" (carta ao PR), gostaria (esu) de poder acreditar que ainda sobra a virilidade suficiente para devolver à classe política a desonrosa insinuação de que são militares de carreira aqueles que se destacam "sentação".

En promoveu a dos orgãos da a respecia masafedo volver a carreira aqueles que se destacam "sentação", renha cuidado Sousa Tavares com as derrapagens da sua indiguação. No Portugal em que vivemos, nesta democraciá filo-fascista que nos calhou em má-herança, público e notá-no passado dia presidente da AR manda e en especia inascidavel vulgarmente conhecidado na managedoura orçamental, reclamando permanente e de intervenções especia— a em se tornar suspeito de tentativa de mistificação.

SALGUEIRO MAIA - AGRADECIMENTO

À A25A chegaram inúmeras manifestações de pesar pelo falecimento do Salgueiro Maia. Assembleia da República, autarquias, entidades colectivas, personalidades, pessoas dos mais variados recantos do país quiseram fazernos sentir a sua solidariedade e, através de nós,

aos militares de Abril, o carinho, o amor, o respeito, a consideração em que tinham aquele que todos encaravam como dos melhores entre nós, e a mágoa que ficava do seu desaparecimento

A todos o nosso obrigado. Bem hajam! Também registamos com agrado o movimento que se gerou em homenagem ao nosso companheiro Salgueiro Maia, de vasta amplitude e significado, nomeadamente com a atribuição do seu nome a ruas e praças das mais variadas povoações de Portugal. Salgueiro Maia enfileira assim, ao lado das mais respeitadas figuras da nossa história, cujo nome os portugueses querem ver perpetuado na sua toponímia. Associamo-nos, reconhecidos, a esses gestos.

PPC

esses orgãos estão

ligados. Os estudio-

aos estrangeiros que

nos visitam, mas

clara desvantagem

em termos de estru-

turas que apoiem os

seus trabalhos.

enfrentam

portugueses nada ficam a dever

ASP da PSP

A Associação Sócio-Profissional da PSP promoveu um Seminário Internacional sobre o tema "Fronteiras da Policia na Europa sem fronteiras", com a participação de representantes de associações congéneres estrangeiras, na qual a A25A se fez representar.

Das conclusões do seminário, desta-

- 1. As preocupações com o tratado de Maastricht e com o acordo de Shengen. (este com incidência muito directa na accão das polícias), a exigirem auscultação da opinião pública. As suas aplicacões terão de ser progressivas e dependem do reapetrechamento e coordenação das instituições policiais, internas e comunitárias e recomendam o seu controlo por uma entidade institucional e supra-governamental
- 2. As duas componentes essenciais do crime organizado são o narcotráfico e o terrorismo, cujo combate ultrapassa o mero âmbito policial, devendo ser perspectivado nas suas vertentes política e económica.
- 3. A acção policial deve visar o correcto equilíbrio do binómio liberdade/segurança dos cidadãos, para o que é fundamental a formação profissional e a consciência democrática dos seus agentes, formação em que poderá ter um papel decisivo o sindicalismo policial, que não pode assim ser encarado, únicamente, como um simples instrumento reinvindicativo de uma classe profissional.

25 DE ABRIL

Mais uma vez o 25 de Abril foi comemorado com carinho, entusiasmo e mobilização habituais, pelos mais diversos recantos

deste país que não esquece a data em que recuperou a soberania e reencontrou a dignidade.

A elas nos referimos em várias secções deste número d'O REFE-RENCIAL, destacando um caderno especial para as que ocorreram em Lisboa, por iniciativa ou com a colaboração da A25A, com relevo para o almoco-convívio e a homenagem ao marechal Costa Gomes, a Corrida da Liberdade e a manifestação da Avenida da Liberdade.



MEDALHA COMEMORATIVA DO XVIII ANIVERSÁRIO DO 25 DE ABRIL



CURRICULO DO PROFESSOR ESCULTOR HELDER BATISTA Autor da Medalha Nascido em Vendas Novas no ano de 1932

CARGOS E TÍTULOS Professor Agregado pela Escola Superior de Belas Artes de Lisboa Académico Correspondente da Academia Nacional de Belas Artes Membro do Conselho Numismático da Imprensa Nacional-Casa da Moeda

CARGOS DESEMPENHADOS 1962/1965 – Assistente da ESBAL 1965/1992 – Primeiro Assistente da ESBAL

OUTRAS ACTIVIDADES
Para além da actividade pedagógica e científica no âmbito curricular da ESBAL, vem participando desde 1965 em exposições colectivas, dentro e fora do país, realizou quatro exposições individuais (1966, 1969, 1972, 1986) contribuindo deste modo para o desenvolvimento e divulgação das Artes Plásticas Portuguesas. Realizou por encomenda, esculturas para o espaço urbano da cidade de Lisboa e vilas da Vidigueira e Vendas Novas, Ainda nas cidades de Lisboa, Porto e Funchal, por convite, esceutou esculturas para os espaços arquitectónicos do Laboratório Nacional de Engenharia Civil, Cantina da Escola Primária de Benfica, Direcção Geral de Portos, Faculdade de Economia da Universidade do Porto e Hospital do Funchal.

A sua acção no campo da Numismática desenvolve-se entre a moeda e a medalha. Concorreu desde 1960 a concursos públicos para a concepção e execução de medalhas decorativas, obtendo nove primeiros prémios nacionais e um internacional, com a medalha comemorativa do ANO INTERNACIONAL DA CRIANÇA - 1979. As moedas que executou foram produto da atribuição do primeiro lugar em concursos abertos peda INCM: - moeda comemorativa do O XIVI Jogos Olimpicos de Seul (1988), e as moedas de um, cinco e dez escudos do Sistema Monetario Português, e as moedas de um, cinco e dez escudos do Sistema Monetario Português.

1991 – PRÉMIO "CORDEIRO RAMOS" DA ACADEMIA NACIONAL DE BELAS ARTES

Está representado em museus e colecções de Portugal, Grécia, Brasil, Japão, Bélgica, França, Finlândia, Alemanha, Itália, República de S. Marino, Estados Juidos da América, México e Espanha

DOCUMENTOS DO NOSSO TEMPO

FACE À SOBRECARGA DE ASSUN-TOS NESTE NÚMERO DE "O REFE-RENCIAL" VIMO-NOS OBRIGADOS A INTERROMPER A SECÇÃO "DOCUMENTOS DO NOSSO TEMPO".

PROSSEGUIREMOS NO PRÓXIMO NÚMERO.

SAUDAÇÕES À A25A

- AGÊNCIA DE NOTÍCIAS IPS
- ANTÓNIO JESUS SENA ASSOCIADO
- DOMINGOS CALDEIRA ASSOCIADO
- -ASSEMBLEIA DE FREGUESIA DE
- CASTELO DE VIDE
- ASSEMBLEIA DE FREGUESIA DA
- MALVEIRA
- ASSEMBLEIA DE FREGUESIA DE SANTIAGO DO CACÉM
- HINTA DE FREGUESIA DA PENA - JUNTA DE FREGUESIA DA
- JUNTA DE FREGUESIA DE
- S. MIGUEL LISBOA
- CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA - FEDERACAO DOS SINDICATOS DA
- OUÍMICA, FARMACÉUTICA,
- PETRÓL FO E GÁS
- SINDICATO TÊXTIL DO MINHO E
- TRÁS-OS-MONTES - SINDICATO DOS TRAB. DO
- COMÉRCIO ESCRITÓRIOS E
- SERVICOS DO DISTRITO DE LISBOA - SINDICATO DOS TRAB. DA
- FUNÇÃO PÚBLICA DO
- SINDICATO DOS TRAB. DAS IND.
- DE CELULOSE, FABRICAÇÃO E
- TRANSFORMAÇÃO DE PAPEL
- GRÁFICA E IMPRENSA DO SIII FILHAS
- SINDICATO DOS TRAB. DAS IND.
- DE CONSTRUÇÃO, MADEIRAS. MÁRMORES E PEDREIRAS DO
- DISTRITO DO PORTO - SINDICATO DOS TRAB. DAS
- INDÚSTRIAS ELÉCTRICAS DO
- SINDICATO DOS TRAB. DAS
- INDÚSTRIAS QUÍMICAS DO SUL - UNIÃO DOS SINDICATOS DO
- DISTRITO DE PORTALEGRE - UNIÃO DOS SINDICATOS DO
- DISTRITO DE ÉVORA - UNIÃO DOS SINDICATOS DE
- VIANA DO CASTELO
- GOVERNO REGIONAL DA MADEIRA - COMISSÃO ORGANIZADORA DO
- ALMOÇO DOS SARGENTOS
- M.U.R.P.L

PEDIDOS DE REPRESENTAÇÃO NAS COMEMORAÇÕES DO XVIII ANIVERSÁRIO DO 25 DE ABRIL

- ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE ALCOCHETE (SESSÃO SOLENE)
- ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE ARGANIL (SESSÃO SOLENE)
- ASSEMBLEIA MUNICIPAL DA FIGUEIRA DA FOZ (SESSÃO SOLENE)
- ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE PENICHE (SESSÃO SOLENE) - ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE SEIA - (CONVÍVIO)
- CÂMARA MUNICIPAL DE ALENQUER (SESSÃO SOLENE)
- CÂMARA MUNICIPAL DE ALMADA (CONVÍVIO)
- CÂMARA MUNICIPAL DA AMADORA (SESSÃO SOLENE)
- CÂMARA MUNICIPAL DE ARRUDA DOS VINHOS (SESSÃO SOLENE)
- CÂMARA MUNICIPAL DE GOUVEIA (CONVÍVIO)
- CÂMARA MUNICIPAL DO MONTIJO (CONVÍVIO) - CÂMARA MUNICIPAL DE ODEMIRA - (CONVÍVIO)
- CÂMARA MUNICIPAL DE PONTE DE SOR (SESSÃO SOLENE)
- CÂMARA MUNICIPAL DE SESIMBRA (CONVÍVIO)
- JUNTA DE FREGUESIA DE ALCÂNTARA (CONVÍVIO) - JUNTA DE FREGUESIA DE ALHANDRA - (SESSÃO SOLENE)
- JUNTA DE FREGUESIA DA APELAÇÃO (SESSÃO SOLENE)
- JUNTA DE FREGUESIA DA BAIXA DA BANHEIRA/GRUPO DEMOCRATAS (CONVÍVIO)
- JUNTA DE FREGUESIA DE CONSTÂNCIA (CONVÍVIO)
- JUNTA DE FREGUESIA DO LAVRADIO (CONVÍVIO - JUNTA DE FREGUESIA DE PAÇO DE ARCOS - (SESSÃO SOLENE)
- JUNTA DE FREGUESIA DA PONTINHA (SESSÃO SOLENE)
- JUNTA DE FREGUESIA DO PRIOR VELHO (CONVÍVIO)
- JUNTA DE FREGUESIA DA VENTEIRA (CONVÍVIO - COMISSÃO COMEMORAÇÕES POPULARES 25 DE ABRIL-SANTARÉM - (CONVÍVIO)
- COMISSÃO ORGANIZADORA DAS COM. 25 DE ABRIL, ALMANSIL (CONVÍVIO)
- COMISSÃO POPULAR PROMOTORA DAS COM. 25 DE ABRIL, MONTIJO (CONVÍVIO)
- COMISSÃO PROMOTORA DAS COM. 25 DE ABRIL-LEIRÍA (CONVÍVIO)
- COMISSÃO PROMOTORA DAS COM. 25 DE ABRIL-MAFRA (CONVÍVIO)
- COMISSÃO PROMOTORA DAS COM. 25 DE ABRIL DOS SARGENTOS DAS
- FORCAS ARMADAS (CONVÍVIO)
- COMISSÃO PROMOTORA DAS COM. 25 DE ABRIL-ZONA ORIENTAL DE LISBOA-
- COMISSÃO PROMOTORA JANTAR COM. 25 DE ABRIL-GUARDA (CONVÍVIO)
- COMISSÃO PROMOTORA JANTAR COM. 25 DE ABRIL-SESIMBRA (CONVÍVIO)
- COMISSÃO SINDICAL DOS TRABALHADORES DA CÂMARA MUNICIPAL DA AMADORA - (SESSÃO SOLENE)
- COMISSÃO SINDICAL DOS TRABALHADORES DA NISSAN
- (ENTREPOSTO DE LISBOA) (CONVÍVIO)
- COMISSÃO SINDICAL DOS TRABALHADORES DA SOLISNOR/SETENAVE (SESSÃO SOLENE)
- COMISSÃO DE TRABALHADORES DA CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS (CONVÍVIO)
- COMISSÃO DE TRABALHADORES DA TAP (CONVÍVIO)
- COMISSÃO DE TRABALHADORES DA FUNÇÃO PÚBLICA (CONVÍVIO)
- ESCOLA PREPARATÓRIA DE MARRAZES (DEBATE)
- ESCOLA SECUNDÁRIA DE ALBUFEIRA (DEBATE)
- ESCOLA SECUNDÁRIA DO MONTE DA CAPARICA (DEBATE)
- ESCOLA SECUNDÁRIA DE SA DE MIRANDA-BRAGA (DEBATE)
- ESCOLA SECUNDÁRIA SEBASTIÃO E SILVA-OEIRAS (DEBATE)
- ASSOCIAÇÃO DOS MORADORES DE OLHOS DE ÁGUA (DEBATE)
- ASSOCIAÇÃO PORTUGAL DE ABRIL DE PARIS (CONVÍVIO)
- ASSOCIAÇÃO PORTUGAL DE AMSTERDÃO (CONVÍVIO)
- ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE ZURIOUE (CONVÍVIO)
- GRUPO DESPORTIVO ADICENSE (CONVÍVIO)
- PARTIDO SOCIALISTA-MATOSINHOS (DEBATE)
- PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA (COM. OFICIAIS)
- RÁDIO VOZ DA PLANÍCIE-BEJA (DEBATE)
- RÁDIOS LOCAIS DE COIMBRA (DEBATE)

OBRAS OFERECIDAS À A25A

- REVISTA CRÍTICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
- Oferta do N.º 34 da Revista Crítica de
- 96 OUADRAS EM JEITO DE MISSÃO
- Oferta do autor Julião Bernardes

Ciências Sociais

ASSOCIADOS FALECIDOS

- Marçal Pinto Luzia Apoiante ' - José Pinto de Oliveira
- Apoiante 291 - Manuel Moço
- Apoiante 518 - Eugénio Sabino de Vasconcelos
- Appiante 1756 - Alfredo Misarela Loureiro
 - Apoiante 1142

28/6/92

9/5/92

CONVITES FEITOS À A25A

- DORL DO PCP	- JUNTA DE FREGUESIA DO	- CÂMARA MUNICIPAL DO SEIXAL
Comício do 71.º Aniversário do PCP	PRAGAL	Exposição "Um Museu em construção"
- CONSELHO PORTUGUÊS PARA A	Inauguração das novas instalações 24/4/92	16/5/92
PAZ E COOPERAÇÃO	- U.P.P.S.S ASSOCIAÇÃO DE	- UNIVERSIDADE DO PORTO Conferência/Debate s/ "Timor-Leste e o
Encontro / Debate	REFORMADOS	fim do regime Indonésio - Factores
7/3/92	Almoço-Convívio-Homenagem a novos	internos e externos"
Inauguração da exposição fotográfica e documental sobre a luta e a vida do povo	sócios honorários	23/5/92
palestino. Debate por uma paz justa e	24/4/92	- A CIVITAS E A FEDERATION
duradoira no Médio Oriente	- CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA Espectáculo junto à Torre de Belém	INTERNATIONAL DES DROITS
30/3/ 92 XIV Assembleia da Paz "Perspectivas e	Largada de veleiros	DE L'HOME
tarefas para o movimento da paz – Análise	Exposição "Salgueiro Maia e o 25 de	Conferência internacional "Futuro para uma Europa dos concidadãos"
e discussão da situação internacional"	Abril"	uma Europa dos concidadaos 28-30/5/92
9/5/92	Homenagem no Largo do Carmo a	- PARTIDO RENOVADOR
- COM. PROMOTORA DAS COM. XVII ANIV. DA NACIONALIZAÇÃO DA	Salgueiro Maia	DEMOCRÁTICO
BANCA E DOS SEGUROS	Exposição "Lisboa, o Tejo e a navegação" 24-25-26/4/92	VI Convenção Nacional
Jantar comemorativo	Comemorações do dia de Portugal, de	30-31/5/92
13/3/92	Camões e das Comunidades Portuguesas	
- SECRETARIADO DA CONVENÇÃO POR TIMOR-LESTE	9/6/92	- FEDERAÇÃO DAS
Convenção por Timor-Leste	Desfile das marchas populares	COLECTIVIDADES DE CULTURA E RECREIO
14-15/3/92	12/6/92 Espectáculo "De Lisboa para a Europa"	Sessão solene comemorativa do 68.º
- COM. ORG. DO VII CONGRESSO	Especiaculo De Lisboa para a Europa 9/5/92	Aniversário
(ESTRAORDINÁRIO) DO MDP/CDE 21-22/3/92	- CÂMARA MUNICIPAL DE SESIMBRA	31/5/92
- MISSÃO DE MACAU EM LISBOA	Inauguração da exposição "O 25 de Abril	- ESCOLA C+S DE MONTELAVAR
E LIVRARIA BARATA	visto pelas crianças"	Debate sobre o 25 de Abril
Lançamento do livro "A China fica ao lado" de Maria Ondina Braga	- TEATRO DA CORNUCÓPIA	2/6/92
lado de Maria Ondina Braga	Espectáculo "Mauser de Henri Muller"	- ASSOCIAÇÃO
- GALERIA QUADRADO AZUL	26/4/92	SÓCIO-PROFISSIONAL DAPSP
Exposição de pintura de Matilde Marçal	- PARTIDO SOCIALISTA	Seminário internacional "Fronteiras da
28/3/92 Inauguração da exposição de esculturade	RECONSTRUÍDO	Polícia numa Europa sem fronteiras"
Ângelo de Sousa	VIII Congresso 1-2-3/5/92	5/6/92
6/6/92	- O CONSELHO PORTUGUÊS PARA	- CLUBE DE SARGENTOS DA
- GALERIA DE ARTE CAPITEL	A PAZ E MOVIMENTO DOS	AERONÁUTICA
Exposição de pintura de Liseta Amaral 28/3/92	MUNICÍPIOS E REPRESENTAÇÃO	Sessão solene de homenagem ao sargento pioneiro da aeronáutica portuguesa
Exposição de Armando Aguiar	ORG. DE LIBERTAÇÃO DA	8/6/92
16/5/92	PALESTINA EM PORTUGAL	- ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE
- CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO DA JUNTA DE FREGUESIA DOS	Encontro com o Dr. Farok Kadoumi (Ministro dos Negócios Estrangeiros da	SARGENTOS
PRAZERES	OLP) e Dr. Abu Ala A (Ministro da	Colóquio/Debate s/ o tema
Exposição "Palavras, imagens e sons do	Economia e do Plano da OLP)	"Associativismo Militar-Deveres e
25 de Abril"	4/5/92	Direitos"
1-30/4/92 - SINDICATO DOS FERROVIÁRIOS	- ESCOLA SECUNDÁRIA	- COMPANHIA DE TEATRO DE
DO SUL	DR. GINESTAL MACHADO (SANTARÉM)	ALMADA
17.º Aniversário da nacionalização	(SANTAREM) Exposição "Do Estado Novo ao 25 de Abril"	Estreia da peça "Vida do grande D.
- GALERIA LIBERDADE 190	6-9/5/92	Quixote de La Mancha e do gordo Sancho
Exposição de pintura de Macieira	- CIDAC	Pança"
15/4/92	Colóquio "Construção e visões das	18-19-20/6/92
- ASSOCIAÇÃO DOS DEFICIENTES	Américas Hispânicas"	- CHEFE DO ESTADO-MAIOR
DAS FORÇAS ARMADAS		GENERAL DAS FORCAS APMADAS
	7-8/5/92	GENERAL DAS FORÇAS ARMADAS Dia das Forças Armadas – Delegação de
Inauguração da exposição "A África e a Guerra Colonial" de Helena Justino		GENERAL DAS FORÇAS ARMADAS Dia das Forças Armadas — Delegação de 15 membros

15/4/92

NORTE

COMEMORAÇÕES DO 25 DE ABRIL

1. COLÓQUIO "O 25 DE ABRIL E O PORTUGAL EUROPEU "

Tal como havia sido noticiado no último número do Boletim, teve lugar no teatro Rivoli, na cidade do Porto, em 11 de Abril passado, um colóquio subordinado ao tema "O 25 DE ABRIL E O PORTUGAL EUROPEU" com três painéis a decorrerem em simulfaneo durante a tarde e uma sessão de conclusões à notie.

Esta iniciativa teve uma aderência que excedeu as expectativas mais optimistas, tendo como subtemas nos diferentes painéis, os seguintes:

 A situação cultural, social, política e económica em 24 de Abril de 1974;

O que mudou no 25 de Abril de 1974; O Portugal Europeu que herança do 25 de Abril.

As mesas dos três painéis foram integradas pelas seguintes personalidades:

- Painel Avelino Gonçalves, José Luís Nunes, José Tengarrinha, Mário Tomé e Pezarat Correia.
- 2.º Painel Amilcar Ribeiro, Carlos Marques, Marcelo Varela, Otelo Saraiva de Carvalho e Raul Castro.
- 3.º Painel Francisco Assis, Francisco Louçă, Ilda de Figueiredo, Isabel Pires de Lima e Luís Fazenda.

Aproveitou-se este colóquio para prestar uma humilde homenagem ao nosso companheiro SALGUEIRO MAIA.

A organização pertenceu à APRIL (Associação Política Regional e de Intervenção Local) e teve o apoio, além da Câmara Municipal do Porto e da Associação 25 de Abril, dos seguintes partidos/ organizações políticas: IS; MDP, PCP, PC(R); PS, PSR e UDP.

2. ALMOÇO EM GUIMARÃES

Como habitualmente, reuniram-se no Hotel da Penha em Guimarães, no dia 25 de Abril, para um jantar comemorativo da efeméride, vários oficiais da Região Militar Norte e alguns familiares.

Na oportunidade guardou-se um minuto de silêncio em memória do "decano" daquela confraternização e que recentemente deixou o número dos vivos, o coronel Pinto Simões. Para ele a nossa saudade.

PROGRAMA DE ACTIVIDADES 1992/93

A DELEGAÇÃO DO NORTE DA A25A PROMOVE DURANTE O CORRENTE ANO AS SEGUINTES ACTIVIDADES

a) - Plano Cultural

1992 - Exposição de Arte para obtenção de fundos

Local: Fafe Casa da Cultura

Duração: de 10/7/92 a 31/7/92

Programa:

Dia 10 de Julho:

17h00 Abertura da exposição

17h30 - Conferência com o Maestro Vitorino de Almeida

21h30 - Concerto: O Barbeiro

Dia 13 de Julho:

21h30 - Conferência/debate com os Arqts. Sisa Vieira e Soutinho

Dia 31 de Julho:

21h30 - Concerto com João Afonso lembrando Zeca Afonso

- 5 de Outubro

Jantar-debate subordinado ao tema "A REPÚBLICA, COMO PROJECTO DE CIDADANIA"

Palestrante: Embaixador de Portugal na UNESCO

Local: a indicar oportunamente

Inscrições: a combinar

1993 - 31 de Janeiro:

Comemorações do 31 de Janeiro (programa a divulgar)

25 de Abril

Comemorações do 25 de Abril (programa a divulgar)

b) Plano Recreativo

1992 - Passeio turístico e cultural a TORNES (Baião)

Almoco: restaurante "O ROMANO"

Guia Cultural. Um Queiroziano

Data a indicar

- Café-Concerto (Exposição)

Local: Magestic

Mês de Novembro

- Febre de sábado à noite (convívio com o Jazz)

Local: Postigo do Carvão

Mês de Dezembro

CORRECÇÃO

Por lapso, no último número d' O REFERENCIAL, na notícia sobre o debate que teve lugar na cidade de Porto, subordinade ao tema "O 25 DE ABRIL E O PORTUGAL EUROPEU", foram cometidas algumas inexactidões que passemos a referir:

- O local do debate foi na realidade o Teatro Rivoli.

 Esta iniciativa que foi de facto organizada pela APRIL, obteve o apoio, além da A25A, dos partidos/organizações políticas ID: MDP: PCP: PC(R); PS; PSR e UDP.

Destes lapsos apresentamos as nossas desculpas, mas eles foram consequência de, à data de entrega da notícia, existirem ainda algumas dúvidas sobre os factos acima referidos.

CENTRO

COMEMORAÇÕES EM COIMBRA DO 18.º ANIVERSÁRIO DO 25 DE ABRIL

PROGRAMA

O 18.º aniversário da revolução de 25 de Abril de 1974 foi assinalado em Coimbra com um programa diversificado, com várias iniciativas na sextafeira e no sábado, como a seguir se refere:

Dia 24 (sexta-feira):

- Passeio Infantil à Serra da Estrela (manhã)

(Organização do Centro Cultural 25 de Abril)

- Orquestra Universitária de Poitiers, (21.30) Capela da Universidade, (org. Câmara Municipal de Coimbra)

Câmara Municipal de Coimbra)
- Noite de Baladeiros, Sé Velha

Homenagem aos baladeiros por Vieira da Silva, João Queirós, Grupo Coral Alentejano (Serpa), interpretac,ão do grupo da A.I.C.O.P. e outros.

Convivio no Ateneu de Coimbra.

Dia 25 (sábado): Manhã:

- Arruada por Banda de Música.

- Passeio de bicicleta na Cidade de Coimbra - partida às 9.30 horas, do Largo da Portagem (Org. CICLOTUR DE COIMBRA E INATEL)

Manhā Infantil no Parque da Cidade com fantoches e demonstração de vela -10 horas (Org. ATENEU DE COIMBRA, e Club de Desportos Náuticos de Coimbra).

- Prova de Skates de Celas à Praca 8 de Maio - 10 horas (Org. C.M.C.).

 Homenagem ao Capitão Salgueiro Maia - às 12 horas, na Câmara Municipal de Coimbra.

Almoço Comemorativo na Cantina Amarela da U.C. (12.30horas) com a presença e discurso de um militar de Abril (Org. Associação 25 de Abril, Delegação de Coimbra).

Tarde:

 - 1.º Grande Prémio de Atletismo da Marmeleira (15.00) (Org. Centro Social da Marmeleira-Souselas).

Desfile de ranchos e banda (15.00, Praça 8 de Maio).

 Convívio no Parque da Cidade com ranchos e a actuação do grupo de música popular portuguesa Banda do Andarilho. Noite:

 Espectáculo de teatro pelo Grupo Bonifrates - "O Rei UBU" no C.C. Avenida (21.30).

Espectáculo pela Orquestra Luso Alemã na Sé Velha.

DISCURSO DE AMADEU CARVALHO HOMEM

SALGUEIRO MAIA, O HERÓI EXEMPLAR

Num dia quente dos principios de Julho de 1990, alguns elementos do Centro de Documentação 23 de Abril, da Reitoria da Universidade de Coimbra, afadigavam-se em ultimar pormenores de uma exposição iconográfica e documental consagrada à Revolução dos Cravos. Por uma ironia casual ou pela vingança postuma em que são féreis os acasos da História, a nossa exposição iria decorrer no Pátio da Inquisição. A memória da distante intolerância passada cedia o passo e o lugar aos que pretendiam reverênciar a memória mais próxima do reverdecer da Liberdade no Portugal contemporâneo.

Entre nós, o nervosismo crescia. Faltava uma peça fundamental na cenografia imaginada; faltava o Chaimite Bula, que recolhera no Largo do Carmo os despojos dos vencidos dirigentes do Estado Novo. A hierarquia militar destacara o então Tenente Cornoel Salgueiro Maia para a imbele missão de nos trazer esse velho e simbólico blindado. No Pátio da Inquisição ardia uma fogueira de incertezas: - A Bula ainda se move? Não enguiçará a meio do caminho? Poderá ela ainda redimir os pecadilhos veniais do nosso afocueamento?

De súbito, fazem-se ouvir ao longe apitos, sirense e clangores marciais. O Pátio da Inquisição quase mudou de nome, envergonhado, quando por ele irrompeu o simpático estrépito de uma coluna militar, prestando guarda de honra ao pesado colosso de ferro. Nunca uma Bula limpou com tamanha eficácia as preocupações contritas de pobres pecadores!

De uma das viaturas saltou, lesto e enérgico, um homem de estatura meã e porte entroncado. Em farda de trabalho (a farda N.º 3 da tropa), esse militar só se distinguia dos demais pelo desembaraço com que distribuia em todos os sentidos ordens precisas, em vos firme e cheia, e também pelos dourados das suas divisas de Official, já embaciadas pelo uso. Recordo claramente que os seus acompanhantes, de patentes inferiores, lhe obedeciam com uma natural idade que deixava transparecer estados de espírito em que se mescalavam sentimentos de respeito sem

temor, de Câmaradagem sem subserviência e de confiança sem reverência senhorial. Só depois de concluídos os trabalhos de arrumo, interessadamente contemplados pelos moradores e usufrutários dos variados servicos em funcionamento no Pátio da Inquisição, o Comandante da coluna militar abriu um franco sorriso para os aflitos representantes do Centro de Documentação 25 de Abril, sossegando-os definitivamente: Cá estou, disse ele, em perfeito estado de tranquilidade. E acrescentou, à laia de justificação, apontando para a venerável reliquia de quatro rodas: - Ela anda devagar. Mas chega sempre. Gasta cerca de 401 itros aos 100 quilómetros... Quem assim falava era o Tenente Coronel Salgueiro Maia. Tive a honra de Ihe ser apresentado nessa ocasião. Quando declinei o meu nome e as correlativas credenciais académicas olhoume prescrutantemente e cerrou-me a mão com energia. Trocámos palavras de pura circuntancia. O chefe militar, ou porque tivesse surpreendidoomeuproverbial enleioouporque estivesse preocupado com o bem-estar dos seus subordinados, prontamente me explicou que não dispunha, naquela altura, de muito tempo, dado que "os meus homens estão famintos e eu quero fazer a refeição com eles". É natural que Salgueiro Maia tenha apreendido a reserva de timidez que recobre a carapac,a de intensas emoções. Desejei abracá-lo e contive o impulso. Seria impróprio chorar de gratidão na presença augusta da Bula, da tropa e do Comandante de uma e outra. Aliás. naquele instante, no preciso momento em que aqueles olhos irrequietos me devassaram a intimidade psicológica, o Pátio da Inquisição trasmudara-se magicamente no Largo do Carmo. Julho de 1990 desaparecera do calendário. O tempo recuara vertiginosamente. Era Abril, 25, correndo o ano de 1974. Julguei ver magotes de gente anônima empoleirada em árvores carregadas de esperança. A Bula, ufana dos seus 40 litros de consumo, acabava de ser chamada para queimar saudavelmente 48 anos de vergonha. Percepcionei igualmente, na minha íntima figuração do Largo do Carmo, a humaníssima figura de um Oficial de carreira que partira de Santarém com o mandato imperioso de derrubar um regime carcomido e podre, com a desenvoltura e a naturalidade similar à que surpreendera no comando da prestimosa coluna que operou no Pátio da Inquisição.

Há quem faça da Vida uma luta persistente por legitimas honrarias e por natwais espacos de Poder. Há quem queira impôr ao conflito das existências a de dada dessa individualidade triunfante, vitoriosa por méritos comprovados e por serviços porfiosos. Há quem lute pelor econhecimento social e mundano. É este o nequeno heroismo das nequenas vaidades. São estes os heróis passageiros do nosso tempo. Mas há um outro tipo de heroísmo sublimado. E o daqueles que sem alardes de capa de revista ou de cabecalho deiornal, executam a Obra que todos temeram realizar, que todos vacilaram empreender, que todos refugaram no limbo das impotências, e que, tranquilamente, como se tivessem perpetrado a maior banalidade deste mundo, regressam mansamente ao intimismo da sua consciência para ditarem a si próprios a sentenca que os colaboradores do Centro de Documentação 25 de Abril ouviram da boca do TenenteCoronel Salgueiro Maia: - Aqui estou! É gente desta estirpe que

- Aqui estou. E gente desta estripe que faz avançar o carro de combate da Justiça sem mácula, o veículo da Cidadania impoluta, na inflexível crença de que os valores do Humanismo, da Fratemidade e da Solidariedade se comportam como a Bula: andam devagar, mas chegam sem-

pre.

DISCURSO NO ALMOÇO-CONVÍVIO DE MANUEL MACHADO, PRESIDENTE DA CAMÂRA MUNICIPAL DE COIMBRA

Há dezoito anos

(e, hoje, graças a estes dezoito anos transcorridos, é possível invocar a maioridade):

Há dezoito anos, pela madrugada (e, desde sempre, as madrugadas anun-

ciam a intensidade dos dias plenos, nos sóis soalheiros e nas neblinas nebulosas); Há dezoito anos, pela madrugada,

Há dezoito anos, pela madrugada, ergueu se o canto claro e límpido dos anseios atabafados.

Que chegou aos nossos ouvidos expectantes feito canção e pela voz da Poesia.

Então demos as mãos, afinámos os corações, moldámos as vozes pela voz dos cantores, que, desde há muito, anunciavam e prenunciavam os valores sempiternos da dignidade do Homem de todas as latitudes.

Com um sentido da universalidade que, no recôndito do nosso saber colectivo acumulado, redescobrimos, com espanto e deslumbramento, a dignidade ancestral, reinventámos a alegria da libertação das mordaças, refizemos os trilhos da verticalidade e do aprumo da existência.

E um Poeta, e um Trovador dos tempos modernos (que, como tantos outros que o precederam e como outros tantos que se lhe seguiram, havia feito o seu aprendizado de Humanidades) nesta cidade de Coimbra, lançava ao País as palavras que haveriam de consunstanciar se em ditame de toda a transformação para a modernidade que todos reclamam.

Dizia ele (opoeta) a terra da fraternidade; cantava ele as ordenações do povo insubmisso; saudava ele a cidadania do Homem solidário jamais solitário, nunca mais insulado em casulos de desdita penitencial

E, em coro, a várias vezes entoado, lançámos, nas corrias dos tempos, as cores variadas das nossas vontades, a magnanimidade fraterna das nossas intenções banfazejas, o legatário compromisso da convivência e da convivialidade.

Com o 25 de Abril, soletrámos a Terra da Fraternidade; saudámos, em todos os povoados, a Cidade como espaço vital e de sobrevivência de todo o aprendizado da Política reconhecemos, de imediato e com toda a naturalidade, os direitos de homens livres.

Ao rememorar o passadio destes dezoito anos, analisar, em cada dia que passa, arquétipos e estereótipos que, com frequência, parecem querer impor se sem questionação, sem dúvidas, sem enganos. Senti mos que em cada dia se torna premente a reequação dos conceitos e dos preconceitos, a reformulação das noções, a dinamica dos entendimentos.

É a história de um Povo que o comprova: desde o tempo da espada afonsina ao biscoito endurecido mas espantoso das Descobertas; desde a época do arado na leira do monge ao arcabuz do Mindelo; desde a hora em que aconselhava o rei até aos incontáveis momentos das palavras silenciadas e dos gestos probidos.

Não basta encher a boca do Povo para regalo sensual com salivação gostosa que a palavra proporciona: o Povo não pode ser uma entidade mais ou menos abstracta, apenas produtiva ou inculta como qualquer simplório daqueles que, apenas por o serem, piedosamente alcançam as bem aventuranças. Se há coisa que o Povo nunca perde

(e Povo sou eu e és tu - porque ambos aqui estamos com as veras pulsações da vida)

se há coisa que o Povo nunca perde é a inteligência e sempre vai depositando no **tesouro** colectivo os saberes prestimosos.

Também em Abril, ao evocar a Democracia, a Fraternidade e a Cidadania, é necessário arredar as basófias que mascaram inseguranças e reflectir, agora, que dezoito anos transcorreram, sobre estes valores primordiais, sempre novos e que hoje acompanham uma geração que conquista a maioridade — que nós homens livres, num pais livre saudamos em nome da cidade de Coimbra.

Coimbra, 25 de Abril de 1992.

Em memória de: ALFREDO MISARELA LOUREIRO Apoiante da A25A

Nasceu a 7 de Abril de 1923, em Coimbra. Teve, desde cedo, actividade política, estando ligado, primeiro, ao MUD Juvenil e, posteriormente, ao Partido Comunista Português, tendo depois aderido ao MDP/CDE.



Participou nas campanhas eleitorais de Norton de Matos e Humberto Delgado.

Esteve preso em 1962, no Aljube, não deixando, comtudo, de prosseguir com a sua actividade civica e política, tendo-se envolvido activamente nas campanhas elcitorais de 69 e 73, sendo, nestas últimas, candidato pelo MDP pelo circulo de Coimbra.

Foi Presidente do Ateneu de Coimbra de 1971-74.

Em 1974/75 participou nas campanhas de dinamização cultural levadas a efeito pelo M.F.A..

Foi membro da Assembleia Municipal de Coimbra, eleito pelo Movimento Democrático Português, de quem era dirigente (membro do Conselho Nacional), desde as primeiras eleições autárquicas, até à data da sua morte, em 23 de Janeiro de 1992.

VAMOS APRENDER BRIDGE! (16)

Como habitualmente o faço, mais uma vez aqui estou com o intuito de reflectirmos em conjunto sobre a aliciante temática que é o Bridge.

Os nossos artigos não têm outra pretensão para além da que referi: - Constituem aspenas uma despretensiosa reflexão sobre formas de analisar e resolver situações que se colocam no dia a dia dum jogador.

É certo que a periodicidade de "O REFE-RENCIAL" faz arrastar a apresentação dos temas, criando alguma frustração ao leitor assíduo que seja também um jogador interessado.

É uma realidade a que não nos podemos furtar, mas que, para além da frustração, permite que cada tema seja objecto duma calma e ponderada reflexão que, aos iniciados e interessados na matéria, será, certamente, útil.

Mas deixemo-nos de especulações filosóficas e passemos ao concreto!

Na sequência da análise das possíveis 2.as vozes do abridor, vamos hoje tratar das que devem ser praticadas quando este jogador detiver jogos com apoio no naipe declarado pelo parceiro.

"2. VOZ DO ABRIDOR EM 1 EM NAIPE"

1.6 - COM JOGO DE APOIO

Considera-se que temos apoio no naipe declarado pelo novo parceiro quando detivermos, pelo menos, 4 cartas nesse naipe.

Isto porque para que exista um FIT são necessárias, no mínimo, oito cartas desse naipe nas duas mãos, e como o anúncio dum naipe pelo nosso parceiro garante a presença de, pelo menos, quatro cartas desse naipe, para que o possa apoiar tenho que possuir, no minimo, outras quatro.

No leilão:

Com a voz de 19. S promete, pelo menos, 4 cartas em 🔻

Com o rebide de 2 , N afirma que detém, no minimo, 4 cartas em 🔻

Neste caso está encontrado o FIT no naine de V e o N tem, obviamente, um caracteristico jogo de apoio.

Logo que for encontrado o FIT de, pelo menos, oito cartas, há que reavaliar a mão, com a contagem dos PONTOS DE APOIO

Os PONTOS DE APOIO (S) só podem ser contabilizados após detectada a existência do FIT num naipe.

Recordemos que os PONTOS DE APOIO (S) são o somatório dos PONTOS DE HONRA (H) com os de DISTRIBUIÇÃO (D), os quais passam a ter um valor específico sempre que a mão a reavaliar tem a caracteristica de ser uma mão com apoio num determinado naipe.

Para a contagem dos PS duma mão devemos considerar que:

- Se detivermos uma figura grande e, pelo menos, 4 PH no naipe de apoio devemos adicionar 1 PONTO;

- Se a mão tiver um singleton (carta seca), esse singleton deve ser avaliado em 3 PON-TOS:

- Se a mão tiver uma chicana (ausência de cartas num naipe), ela deve ser avaliada em 5 PONTOS-

- Se a mão possuir 5 ou mais cartas no naipe de trunfo, deve adicionar 1 PONTO.

Fácil é pois concluirmos que o valor duma mão (H+D) é um conceito que deve ser tido como dinâmico e não como estático, porquanto o mesmo pode e deve alterar-se no decurso do leilão, à medida que forem sendo detectadas "compatibilidades" (FITS) com o jogo do nosso parceiro.

O conceito de reavaliação das mãos, deve constituir uma preocupação sempre presente no espírito dos jogadores de Bridge.

Se a avaliação tivesse um conceito estático e se circunscrevesse à contabilização dos valores das figuras, qualquer jogador que soubesse somar tinha garantida uma certa qualidade como jogador. Mas, como sabemos, não é o caso nem tal basta!

Mas avancemos na análise das vozes possiveis a proferir pelo jogador que possuir um jogo de apoio.

É óbyjo que as vozes a proferir têm que estar em relação directa com a FORÇA da mão!

Com mãos fracas (14 - 16S) devemos dar o chamado apoio simples.

Leilão proferido com a seguinte mão de N:

- ▲ R1072
- 86
- V DV9

♣ AR43

Com mãos de força compreendida entre 17 19S, devemos apoiar com um salto no naipe.



Com mãos de força compreendida entre 20 22S devemos utilizar um duplo-salto ou o anúncio de um novo naipe, numa voz que seja forcing para que o parceiro mantenha o leilão aberto.

Com mais de 23 S devemos sempre, anunciar um novo naipe em voz forcing para o

Em qualquer destas situações temos, pelo menos, a garantia de fazer partida, face ao valor total dos pontos em linha.

Com o jogo:

O leilão deverá ser: N S

ou em alternativa (mais laborada e menos evidente):

A voz de 3 • consusbstancia uma inversa em salto e é forcing.

Recapitulemos, em forma de quadro, as vozes possiveis face ao teor das mãos que o abridor detém:

FORCA DA MÃO DO 2.º DO ABRIDOR ABRIDOR 14-16S Apoio simples 17 - 19 S Apoio em salto Apoio em duplo salto ou anúncio do novo 20 - 22 S naipe forcing A partir de 23 S Anunciar um novo naipe forcing

Está a decorrer o torneio de Ténis promovido pela Associação, que reuniu dez associados na modalidade de "singulares-homens".

Pense nestes conceitos, "mastigue-os" e aplique-os com os seus parceiros. agora que o período de férias possibilita a realização de partidas relaxantes que, também elas, poderão

contribuir para afastar o preocupante "stress" que nos rodeia ao longo do ano.

Um abraço amigo.

Luís Calvão

mucão da pág. 13

marechal Costa Gomes foram particularmente relevantes. A discricionariedade que o visou foi uma injustica que nos atingiu a todos nós e que não dignifica a democracia portuguesa.

Por irónica compensação, denunciando os "valores" que hoje se cultivam ao nível de certos sectores políticos, cainos em cima a notícia do agraciamento de ex-agentes da PIDE, "por serviços excepcionais e relevantes prestados ao país". Para além da confirmação da gritante insensibilidade democrática. característica dum poder fiel à ideologia (?) tecnocrática, o que aqui está em causa é o conceito de país que somos, hoje, depois de Abril, Seremos um país que se revê, reconhece e compensa os serviços prestados pelos membros duma "Associação de malfeitores" protagonistas da repressão que sustentou a ditadura de 48 anos? Se não somos - e quem ousa afirmar que sim? o país foi insultado e tem de ser desagravado.

Também a cultura foi atingida nos seus valores fundamentais, ao agredirse a liberdade criadora, que pensávamos ter definitivamente rompido as trevas que a obscureceram até Abril de 1974. Afinal o lápis azul regressou, para riscar, por razões confessadamente ideológico-religiosas, um livro do escritor português vivo mais lido em todo o mundo. E de novo o poder, abusivamente, dizia interpretar o sentimento do país tal como gostaria que fosse, mas que felizmente não é. O governo não se sente incomodado por manter nas suas fileiras quem tem tal entendimento da liberdade criativa e, pelo contrário, associa-se às homenagens públicas que lhe prestaram os sectores mais retrógrados e saudosos do passado. Depois das recompensas aos ex-agentes da PIDE e das homenagens ao censor, será que ainda nos reservam a recuperação do feriado do 28 de Maio com a pública glorificação do ditador Salazar?

As peripécias que envolvem a instituição militar, com as reformulações estatutárias, revisão de carreiras, reestruturação de forças e efectivos, não é menos preocupante e daí a instabilidade que vem gerando. Não deverá pôr-se em causa a necessidade de medidas corajosas. Mas os contornos técnicos da metodologia seguida suscitam justificadas dúvidas sobre o correcto escalonamento das acções que devem concretizar o processo de decisão. Decisão que nunca pode deixar de assentar em estudos fundamentados e propostas consequentes. Mas mais chocante é a revelada incapacidade de diálogo dos responsáveis com as instâncias mais afectadas pelas medidas previstas, com desprezo pela disponibilidade por estas manifestadas para contribuirem para a busca de soluções.

Independentemente de serem ou não razoáveis estas sugestões, importa no mínimo equacioná-las, não as ignorando ostensivamente anunciando as decisões antes de poderem ser consideradas. É também a democracia que aqui está em causa. Porque os militares no activo, aceitando embora algumas limitações legais ao exercício das suas liberdades, não poderão compreender que as medidas que os atingem não respeitem os princípios básicos da democra-

O último número de O REFERENCI-

sua saída, pelo golpe do falecimento do Salgueiro Maia. Mais não pôde fazer do que a notícia numa breve "caixa". assumindo o compromisso de, neste número, dar maior desenvolvimento à figura dum militar de Abril que foi das mais apaixonantes personalidades do MFA. A esse compromisso damos resposta através dum desenvolvido caderno, de cuja coordenação se encarregou o nosso consócio Matos Gomes. Nele se pretende evocar o Salgueiro Maia em algumas das suas mais vincadas facetas: o cidadão, o militar, o capitão de Abril, o homem de cultura. É a modesta homenagem que prestamos ao companheiro, que morreu como viveu: corajosamente LIVRE.

Pedro Pezarat Correia

